

convergência

SET — 1978 — ANO XI — Nº 115



- **OS RELIGIOSOS EM PUEBLA**
Pe. Matias Martinho Lenz, SJ — página 390
- **DOIS TESTEMUNHOS. UM DESAFIO AO NOSSO PROFETISMO**
Dom Estêvão Bettencourt, OSB — página 401
- **VIDA RELIGIOSA E SERVIÇO À IGREJA**
Pe. Pedro Arrupe, SJ — página 410

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
(ZC-06) — 20.000 RIO DE JANEIRO —
RJ.

Assinaturas para 1977:

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea).....	Cr\$ 200,00
Exterior: marítima.....	US\$ 17,00
aérea	US\$ 25,00
Número avulso	Cr\$ 20,00

Os artigos assinados são da respon-
sabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética
Ltda., rua Correia Vasques, 25 — 20.000
Rio de Janeiro — RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora
VOZES Ltda., rua Frei Luis, 100 —
25.600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa:

Estilização de uma BIRUTA, instrumen-
to técnico que indica o movimento
direcional dos ventos nos aeroportos.
Um SÍMBOLO, um COMPROMISSO,
um APELO para **CONVERGÊNCIA**.
SÍMBOLO do que não pode ser: volúvel,
inconstante, sem rumo. Quem varia
com os ventos é leve demais para as
responsabilidades da Vida Religiosa.
COMPROMISSO de fidelidade ao que
sempre tem procurado ser: sensível ao
Espírito, aberta ao que transcende.

APELO: combate à indecisão. Fé diante
das perspectivas que estão se cons-
truindo. Agir com o pé no futuro pois os
caminhos se abrem quando cada um se
põe a caminhar. Pela força e clareza das
idéias que veicula, **CONVERGÊNCIA**
quer ser um exercício mensal de es-
perança na Vida Religiosa renovada.

Registro na Divisão de Censura de
Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº
1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

OS RELIGIOSOS EM PUEBLA
Pe. Matias Martinho Lenz, SJ 390

**DOIS TESTEMUNHOS: UM
DESAFIO AO NOSSO
PROFETISMO**
D. Estêvão Bettencourt, OSB 401

**VIDA RELIGIOSA E SERVIÇO
À IGREJA**, Pe. Pedro Arrupe, SJ .. 410

**DIMENSÕES FUNDAMENTAIS
DE UMA COMUNIDADE
RELIGIOSA**, Pe. Marcello
de Carvalho Azevedo, SJ 420

**OS INSTITUTOS RELIGIOSOS
NO BRASIL DURANTE A ÉPOCA
IMPERIAL**, Riolando Azzi 435

EDITORIAL

Conceitualmente, a Vida Religiosa é "a tematização da experiência de Deus no seguimento de Cristo, expressa pela consagração total a Deus, mediante os três votos, vividos em fraternidade, como sinal profético de um futuro prometido a todos por Deus e encarnado no mundo". A concretização deste ideal, em nível pessoal, comunitário e societário é uma condição indispensável para que a Vida Religiosa seja um sinal inteligível. A viabilização deste projeto de vida, a fim de que o ideal religioso não se transforme num elemento inoperante, mas seja um ideal consistente de transformação da realidade, implica em contínua conversão. Constitui-se por si só um desafio. O percurso deste caminho exige constante revisão. A busca da linha de equilíbrio frente às exigências que a ela se impõe, como resposta de compromisso com Deus e com os homens.

Nesta perspectiva, a Vida Religiosa, só cobra seu verdadeiro sentido, quando pensada e animada dentro do mundo concreto. Esta, como qualquer outra vida, deve estar inserida num contexto, onde inevitavelmente não passa imune de situações desafiadoras do pluralismo de formas secularizantes e opressoras da vida, no ritmo do mundo atual.

Isto significa que ser religioso hoje é ter consciência clara do seu ser. A partir daí encarnar-se no mundo real dos homens, sem alhear-se dos problemas do mundo, com maior empenho, com senso crítico, sem perder a identidade.

Neste particular, as circunstâncias gritantes da América Latina exigem dos religiosos disponibilidade oblativa, conforme o próprio carisma, a inserção numa pastoral efetiva, a abertura da vida comunitária para a irradiação da caridade e a libertação do homem como Cristo o quis. Esta práxis evangelizadora carece de realimentação espiritual e responsabilidade eclesial, pois o ideal dos religiosos está no serviço da Igreja. Pelo seu testemunho transcendente da santidade da Igreja manifestam a transitoriedade das coisas do mundo, pela vida em comunidade pré-anunciam a união perfeita no reino futuro. Esta vivência radical da vida cristã em ordem ao ser e à missão acarreta a carga inevitável de cruciantes desafios.

CONVERGÊNCIA apresenta, neste número, quatro trabalhos, enfocando diferentes aspectos desafiadores à Vida Religiosa do momento presente.

Pe. Martinho Lenz, SJ, retorna com uma reflexão ampliando o leque de suas considerações sobre a temática da Evangelização no contexto da América Latina. Centra o seu tema sobre o papel dos religiosos face às expectativas de Puebla neste campo. Reapresenta as esperanças de Medellín postas na forma evangelizadora dos religiosos. Aponta as situações novas do contexto latino-americano para uma ação pastoral transformadora. Enfatiza os motivos ocultos que embotam esta ação e as alternativas pastorais a serem assumidas pelos religiosos em linha prospectiva.

“Dois testemunhos... Um desafio ao nosso profetismo” é o texto de **Dom Estêvão Betten-court, OSB**. Inspirando-se em dois depoimentos de pensadores que refletem sobre o mundo ocidental, berçado pelos valores do Evangelho e pela pregação dos Religiosos, baseado nestes testemunhos, desenvolve ajuizadas reflexões concernentes ao testemunho dos religiosos solicitados pelos questionamentos da realidade local e contemporânea.

Pe. Pedro Arrupe, SJ, com o texto “Vida Religiosa e Serviço de Igreja”, descreve os desafios

do mundo atual, numa dimensão mais universalista, reportando-se também aos problemas do Continente sul-americano. Ressalta o imperativo de a Vida Religiosa voltar-se a serviço à Igreja e à humanidade, sob o risco de perder o seu sentido e seu próprio futuro se assim não proceder.

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, por nove anos consecutivos Presidente da CRB Nacional, presta sua contribuição aos religiosos com o artigo “Dimensões Fundamentais da Comunidade”. Reflete sobre os valores perenes da comunidade em si, como instrumento para fomentar a solidariedade, como escala para formar pessoas desabrochadas e integradas. Apresenta a comunidade religiosa como comunidade de fé num mundo secularizado em que vivemos.

Com o objetivo de fornecer aspectos do passado histórico da Vida Religiosa no Brasil, concluímos com o artigo de **Rioldo Azzi** sobre os “Institutos religiosos no Brasil durante a época imperial”. A leitura deste texto desperta interesse pelo fato de apresentar sucintamente uma visão global da vida religiosa, baseado em dados estatísticos sobre o número de religiosos e conventos no início do século passado e durante o período imperial.

Pe. Celso Sehn, MSF

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CENTRO TEOLÓGICO DE ESTUDOS E ESPIRITUALIDADE CETESP V

Encerrou-se no fim de junho o CETESP V. Durante quatro meses congregaram-se aqui no Rio 50 cetepistas — religiosos e religiosas — provindos de quase todos os Estados do Brasil. Todos eles desempenhavam ou se preparavam para desempenhar uma função diretamente relacionada com a dinamização e animação da Vida Religiosa, de âmbito congregacional ou supra-congregacional. Alguns eram Superiores Gerais ou provinciais; outros, membros de Conselhos ou equipes de governo; e a maioria, responsáveis pela formação, seja inicial ou permanente, na própria província.

O CETESP não consiste num curso acadêmico apenas. Quer unir a reflexão e o estudo à vivência e convivência; a busca de novos horizontes teológicos à contínua procura da conversão pessoal e comunitária ao Evangelho; o conhecimento da realidade ao senso crítico na transformação da mesma; o aprofundamento no carisma do próprio Instituto à experiência de vida consagrada na interrelação com outros carismas fundacionais, a nível de Igreja. Tudo isto faz com que o CETESP seja uma resposta adequada a um dos

grandes desafios que a sociedade atual coloca para a Vida Religiosa: a exigência de uma esmerada formação permanente, entendida esta como um processo vital de adequação a novas situações. Ele representa um serviço responsável e qualificado àqueles religiosos e religiosas do Brasil que receberam de suas Congregações a missão de ser "multiplicadores" da animação e dinamização da Vida Religiosa, no âmbito de seus Institutos ou províncias.

E, que sentem os Cetepistas, ao finalizar a sua experiência? Que valores enfatizam? Que perspectivas descobrem?

É sobretudo a eles que queremos deixar hoje a palavra. Palavra que expressaram com objetividade e sinceridade, na avaliação final do curso, ocorrida no dia 30 de junho, e que, registrada em **Convergência**, quer ser mensagem e estímulo para todos, especialmente para os Cetepistas anteriores, que fizeram a mesma experiência, e se comprometeram a dar efetividade, através da própria vida, aos objetivos fundamentais do CETESP.

No almoço de confraternização do dia de encerramento, assim se expressou uma Cetepista:

"O mais importante, o essencial mesmo, aconteceu no CETESP V: Vimos os céus se abrirem... e as graças de Deus jorrarem copiosas sobre cada participante. Cada coração, cada pessoa, na sua totalidade única e individual, foi um novo Cenáculo, onde o Espírito do Senhor pôde se fazer presente transformando tímidos em arrojados; medrosos em corajosos; calados em abertos...

"Quem não percebeu que a Madre Geral virou noviça; o pregador da Palavra ficou aprendiz desta mesma Palavra; o líder e falador se tornou um igual com os irmãos? Quantos outeiros foram aplainados! Quantos vales aterrados! Quantas traves retiradas dos olhos! Quantas lâmpadas repostas no candeeiro!"

Respondendo por escrito a alguns itens que lhes foram propostos, todos afirmaram que o CETESP V alcançou os seus **objetivos** e constituiu um ponto de partida para crescer mais.

Os porquês destas afirmações são bastante diversificados de pessoa para pessoa e expressam a vivência singular de cada um, a partir de umas experiências comuns a todos:

◆ "Porque integrei novos elementos na minha formação, vivenciei conteúdos já conhecidos e assimilei outros; fiz uma experiência válida de convivência fraterna".

◆ "Porque me fez renascer do Espírito, dando impulso novo às minhas motivações, opções e realizações na Vida Religiosa".

◆ "Porque me levou a olhar por ângulos diferentes a minha caminhada na Vida Religiosa, despertando-me para a vida fraterna e para uma nova visão de Igreja hoje".

Em linha de **conteúdo** o grupo apreciou especialmente o enfoque atual e sério; a teoria ligada à vida e incidindo sobre a realidade; o encadeamento ou complementariedade dos temas tratados; a competência e testemunho de vivência dos professores. Tudo isto, na expressão de um Cetepista, "marcou uma abertura muito grande de horizontes e conduziu progressivamente a uma purificação, unificação e crescimento na fé".

Na linha da **convivência** o grupo destacou como valores mais marcantes: a maturidade das pessoas; a heterogeneidade do grupo com a riqueza decorrente daí; o relacionamento simples, fraterno e espontâneo entre os cetepistas e entre estes e os professores e coordenadores, e, como ponto alto, os **grupos de vivência**, onde se compartilhavam experiências de vida e, sobretudo, a experiência de Deus na vida.

A **orientação espiritual** foi considerada por quase todos como um elemento indispensável "ao crescimento pessoal e na consecução dos objetivos do CETESP", na "reaprendizagem da oração"; na "confrontação sincera da própria vida com a Palavra de Deus", no "processo de discernimento e da conversão contínua".

Os Cetepistas foram unânimes em considerar o **retiro dirigido** como o momento culminante deste processo de busca e de caminhada que são os

quatro meses do curso. Na opinião de muitos, o curso prepara a experiência do retiro e cria condições ótimas para a mesma. Ao mesmo tempo, o retiro possibilita a síntese das experiências vividas durante o curso e a integração harmônica dos novos valores descobertos e assimilados ao longo do processo.

Os depoimentos são eloqüentes:

◆ "Foi uma forte experiência de Deus, posso dizer: o ponto alto do CETESP".

◆ "Fiz a experiência da Palavra de Deus, na minha vida e me senti forte para assumir os desafios do pós-CETESP".

◆ "Como primeira experiência foi excelente. Complementou a orientação espiritual. Oportuno como integração dos conteúdos, seus questionamentos e nossas opções pessoais à luz do Espírito".

◆ "Foi a síntese da experiência de Deus na minha vida de CETESP".

Por tudo isto, no final do almoço de confraternização do dia 30, os cetepistas se perguntavam:

- ◆ "E agora, Cetepista V?
— Você vai amar, ou não vai amar?
— vai ser multiplicador ou simplificador?
— vai anunciar ou vai se calar?
— vai aplicar ou vai engavetar?
— vai viver ou vai morrer"?

E concluíram:

"O que de graça recebemos, de graça demos! e Deus, nosso Pai, será louvado pelas obras de nossas mãos! Juntos, na amizade, na partilha e união profundas, podemos, com os outros cetepistas do passado e do futuro, construir uma Vida Religiosa SINAL do Reino de Deus no meio dos homens. Podemos anunciar esse REINO hoje e agora, nesta realidade brasileira confusa, sofredora e pobre, na qual nosso Deus se nos faz presente e onde, carinhosamente, Ele nos coloca como instrumentos de sua graça libertadora:

- É hora de fermentar!
— É hora de ser grão de trigo-vivo!
— É hora de começar a construir!"

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI
Rio de Janeiro, RJ

OS RELIGIOSOS EM PUEBLA

*Anunciar o Evangelho a um adulto livre
tem como condição
que o próprio evangelizador seja uma pessoa
livre e que sua instituição tenha
optado por lutar pela libertação e pela justiça.*

Pe. Matias Martinho Lenz, SJ

São Paulo, SP

Quais são estas esperanças? Vou pedir a você (que tomou interesse por este artigo e pelo possível significado de Puebla na sua vida) que tire alguns instantes de sua leitura para pensar nas seguintes perguntas: o pessoal com quem você convive espera algo de você em termos de evangelização? E o que esperam, de você e de sua comunidade? Mais profundamente, pergunte-se a si mesmo se você se sente como alguém que está evangelizando.

Não é pouco o que a Igreja está esperando de nós na América Latina. Os bispos do continente reunidos em Medellín, em 1968, assim se expressaram:

“Estamos conscientes do indispensável trabalho apostólico que religiosos e religiosas realizam: continuarão eles sendo, junto com o clero diocesano, a base da evangelização na América Latina” (1).

Introdução: as esperanças depositadas nos religiosos

O tema central da Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, a realizar-se em Puebla (México) de 12 a 28 de outubro próximo futuro, é a evangelização no presente e no futuro da América Latina.

A nós religiosos, o tema diz respeito muito de perto, por motivos imperiosos: nossa consciência de cristãos, que nos chama a testemunhar a fé que abraçamos; a nossa consagração especial como religiosos e pela qual também nos consagramos de uma forma especial ao apostolado, e, não em último lugar, as esperanças que a Igreja deposita em nós como força de evangelização.

Que evangelização queriam os bispos em Medellín? Uma evangelização voltada para a libertação integral dos homens; uma evangelização com compromisso social, que não se contenta com a conversão dos corações ou em garantir a reta intenção dos governantes, mas que exige também a mudança de estruturas, geradoras de muitas desordens e injustiças. Com efeito, diz o documento de Medellín em uma passagem que encerra o diagnóstico da situação no nosso continente:

“A tudo isso deve-se juntar a falta de solidariedade, que leva, no plano individual e social, a cometer verdadeiros pecados, cuja cristalização se evidencia nas injustiças estruturais que caracterizam a situação da América Latina” (2).

Situações Novas

Nos dez anos que transcorreram desde o acontecimento de Medellín, as situações se alteraram, trazendo novas questões para quem quer evangelizar este continente tendo a história como um lugar de leitura da vontade de Deus.

Assim, para citar só alguns destes fatos: — o fortalecimento dos regimes militares, orientados pela Doutrina da Segurança Nacional. Em 1968, apenas o regime brasileiro inspirava-se abertamente nesta doutrina; hoje mais seis outros países adotaram este tipo de regime: (Chile, Bolívia, Uruguai, Equador, Peru e Argentina), como mostra o P. Comblin em seu recente estudo sobre **A Ideologia da Segurança Nacional** (3); os direitos humanos fe-

ridos: não só por perseguição política, torturas e mortes, mas pela tortura quotidiana de fome e de falta de condições mínimas de vida que atinge a milhões de latino-americanos; o avanço do capitalismo internacional, associado ou não ao capital nacional; a progressiva capitalização do campo, com a consequente formação de um proletariado rural e as imigrações em massa para a cidade; o crescimento desordenado das nossas metrópoles e a deterioração progressiva do meio ambiente em muitas cidades e regiões mais densamente ocupadas; o desenraizamento e a perda de identidade de comunidades indígenas; e outros problemas graves.

A Igreja, entre avanços e recuos, caminhou na direção das orientações de Medellín. Entre nós, no Brasil, podemos situar dentro desta linha todo o trabalho de criação e fortalecimento de comunidades eclesiais de base, abrindo um processo de maior personalização da fé e de integração orgânica do laicato; a ação corajosa das Comissões de Justiça e Paz em defesa dos Direitos Humanos; a nova orientação das missões indígenas e capacitação para a auto-promoção, e, para abreviar a lista, as tomadas de posição corajosas que expõem as exigências cristãs de uma ordem política, e ainda, ligado a toda essa prática renovadora, uma vigorosa reflexão teológica na linha da libertação.

Uma Pastoral Questionada

Entretanto, esta pastoral, de resultados aparentemente tão positivos, apresenta uma série de fraquezas e contradições.

Animamo-nos a examiná-las, para podermos ir a Puebla com a necessária humildade e para lograrmos acertar melhor na busca das soluções.

Quais são estas contradições? Juan L. Segundo, no seu livro — **Ação Pastoral Latino-Americana — Seus Motivos Ocultos**, recentemente traduzido ao português pelo P. Benno Brod, e editado pela Loyola, aponta duas destas fraquezas: uma Igreja sem clero próprio e uma Igreja que depende substancialmente de fora, tanto em relação a pessoal quanto em relação a recursos materiais (4). O próprio Documento de Consulta, preparatório para Puebla, reconhece que em quase todos os países, a maioria (dos sacerdotes) são religiosos e com maior percentagem de estrangeiros (5). Grande parte das nossas obras pastorais não subsistiriam sem a ajuda substancial que recebem de organizações estrangeiras européias ou americanas. Mas há mais: atrás de uma prodigiosa unidade aparente entre os cristãos da América Latina, esconde-se uma grande insegurança interna e as mudanças de fato ocorridas no povo. Juan L. Segundo exemplifica esta situação apontando para as conseqüências do desaparecimento dos ambientes fechados, que tinham a função tradicional de transmitir os valores católicos de geração em geração. Este ambiente tradicional exercia uma pressão sobre adolescentes e adultos no sentido de uma prática religiosa mínima; pressionava também para a observância de uma moral social compatível com valores cristãos. Ora, este ambiente desapareceu.

Hoje a Igreja se vê, confrontada, cada vez mais, com a necessidade de obter de cada fiel uma convicção pessoal, isto é, uma convicção independente ou até contrária ao ambiente que o circunda.

A destruição dos ambientes fechados acontece em todos os níveis da sociedade urbana, e não só no meio rural.

Entretanto, uma sociedade aberta pode transmitir, pelo menos durante algum tempo uma vaga adesão ao cristianismo.

O desenraizamento, observa Segundo, não implica automaticamente no abandono do cristianismo, mas sim, na busca de remédios para a insegurança. Muitos fiéis têm procurado uma volta à segurança perdida através da participação em ritos, reconhecidos como autênticos. Estes ritos religam diretamente o homem desenraizado e inseguro com os poderes supremos: Deus, Cristo, os Santos... Visivelmente, a Igreja não abandonou na América Latina, sua política de manutenção das maiorias aparentes católicas. Mantém a cobertura total do território mediante uma rede de dioceses e paróquias. Mantém um grande número de instituições cristãs. Estas instituições não conseguem auto-sustentar-se, nem em relação a pessoal, nem financeiramente: recorrem então, ao governo ou a instituições internacionais (Misereor, Adveniat, Inter-American Foundation, etc.). Estas instituições contribuem generosamente. Mas contribuem, talvez contra a sua vontade, ao esvaziamento da Igreja latino-americana, com o prosseguimento

de tarefas que não suscitam agentes próprios para as igrejas particulares.

O impasse se estabelece quando uma diocese ou paróquia resolve implantar efetivamente a nova orientação pastoral, tornada oficial em Medellín: com o tempo, revela-se impossível manter simultaneamente as duas linhas de pastoral, uma de manutenção das maiorias cristãs (que tenta atingir a massa de fiéis, com um atendimento mínimo para cada fiel), outro para a formação sistemática de grupos de base, de comunidades cristãs compostas de pessoas adultas que refletem sobre a sua fé e sobre as conseqüências existenciais e sociais dela. Estas duas linhas não são compatíveis — de acordo com o testemunho de um bispo americano, referido por Segundo —, não só por não serem complementares porque a prática tem mostrado que, de fato, prevalece uma ou outra destas linhas e não as duas combinadas. Uma tende a levar à exclusão ou minimização de outra. Movem-se dentro de universos diferentes: pertencem a sistemas pastorais diferentes.

Alternativas Pastorais

A análise do impasse pastoral latino-americano nos levou assim à constatação que estamos face a uma alternativa.

Usando a linguagem de Clodovis Boff (7) poderíamos chamá-la de uma **pastoral continuísta** e uma **pastoral descontinuísta**. A primeira tem como estrutura prevalescente a estrutura piramidal (a paróquia tradi-

cional), a segunda, uma estrutura circular (comunidades de base) a primeira põe o acento principal em práticas religiosas, a segunda, nas práticas éticas, sobretudo políticas; os ministérios têm sua alteração clerical e hierárquica na pastoral continuísta, laical e igualitária na pastoral descontinuísta. Ambas enfim refletem compreensões muito distintas do que é a Igreja: a corrente continuísta supõe um regime de cristandade, entendendo a Igreja como uma sociedade perfeita e instrumento universal de salvação. A corrente descontinuísta supõe uma eclesiologia de diáspora: vê a Igreja como uma comunidade e como sinal de salvação universal.

A concepção descontinuísta de pastoral representa a esperança de uma Igreja renovada a partir das bases e comprometida com a luta dos povos latino-americanos por sua libertação.

Representa a opção explícita da Igreja latino-americana reunida em Medellín.

Mas, paradoxalmente, não é a opção mais praticada nem a mais reconhecida como a melhor. Contra ela se levantam poderosas barreiras e se erguem bloqueios, que parecem intransponíveis.

Por **barreiras** quero significar, essencialmente, os obstáculos de ordem histórica. É um problema que atinge a Igreja universal, mas que hoje se torna mais aguda na América Latina, face à rapidez com que as mudanças se vem processando aqui. Estas barreiras se traduzem, em nível psico-social, na forma de

bloqueios de personalidade e em formas inibidas de relacionamento social.

Uma primeira barreira a uma pastoral descontinuista: a visão orgânica da sociedade

Um obstáculo fundamental que a meu ver barra uma opção pastoral numa linha descontinuista é que a Igreja continua a manter na prática uma visão da sociedade que corresponde ao passado e não ao presente. Trata-se da visão orgânica da sociedade, que supõe que as classes sociais são essencialmente harmônicas entre si. Isto pode ter sido verdade no mundo medieval, que as relações entre os grupos sociais eram reguladas pelo costume e pela ação moralizadora e caritativa da Igreja, então hegemônica na sociedade civil. Mas esta harmonia já não existe na sociedade capitalista, baseada na exploração de força do trabalho e no mecanismo de acumulação anônima do capital. A nossa sociedade se constrói sobre uma grande contradição: a crescente socialização da produção a par de uma simultânea e crescente concentração da propriedade. Em outras palavras: os lucros que se geram pela produtividade crescente do sistema industrial e da habilitação crescente da mão-de-obra não vem beneficiar crescentemente os trabalhadores mas sim os donos do capital. Os próprios relatórios do mundo capitalista, por ex. 2º relatório do Clube de Roma, confirmam este diagnóstico, mostrando não só a desigualdade crescente entre a classe rica e as classes pobres, mas entre países ricos e dominantes e países pobres e dependentes.

A consciência desta contradição nos faz compreender porque as classes sociais na sociedade capitalista estão em uma relação de oposição e não de harmonia. E que o antagonismo de classes não é uma invenção do marxismo, mas uma constatação. A superação desta contradição só será obtida através de muita luta, que as próprias classes subalternas desejam pacífica, mas que nem sempre o é, como o mostra a história das lutas operárias.

Ora, uma certa ala da Igreja na América Latina não se deu conta não só do avanço avassalador do capitalismo no nosso continente, mas do fato que a Igreja perdeu o controle moral sobre a classe dominante. O mundo dos negócios criou sua própria ética, a ética do sucesso. A moral religiosa se privatizou: os ricos que continuam a ser cristãos praticam a lei da caridade e da justiça no âmbito das relações interpessoais, mas não no âmbito dos grandes empreendimentos econômicos e financeiros. Alguns, mordidos na sua consciência, dizem fazê-lo à revelia, mas que não há outra saída, neste mundo da concorrência selvagem e de aplicação impiedosa da lei do mais forte.

A Igreja latino-americana mantém basicamente sua hegemonia civil junto a uma parte das classes subalternas (camponeses, populações periféricas das cidades, faixas da classe média), mas esta hegemonia está seriamente ameaçada. A ameaça vem dos dois lados. Os pobres ameaçam abandoná-la (como já a abandonou em outros tempos a massa proletária da Europa) à

medida que sentirem que a Igreja não está disposta a solidarizar-se com elas na luta por suas justas reivindicações. Os ricos ameaçam reduzir ainda mais sua influência e mesmo a persegui-la à medida em que a Igreja deixar de favorecer uma religião de conformismo social e de consolos espirituais para as aflições dos pobres.

O documento de consulta: uma proposta regressiva

A leitura do Documento de Consulta às Conferências Episcopais e preparatório para a Assembléia de Puebla nos deixa a melancólica impressão de uma análise equivocada e de uma proposta de pastoral já não digo conservadora, mas de regresso a um regime de cristandade.

A crítica ao documento já foi feita de maneira exaustiva (8) e não necessita ser retomada aqui. Vou indicar apenas alguns aspectos que julgo mais deficientes: o documento baseia seu diagnóstico num enfoque culturalista radicalmente insuficiente para captar o movimento do real. Que a América Latina está passando de uma civilização agrário-urbana para uma civilização urbano-industrial é um lugar comum que em nada ajuda para entender os mecanismos que determinam esta passagem. Ora, em lugar nenhum se faz a análise destes mecanismos. Sobre o diagnóstico da realidade no Documento de Consulta escreve Luiz A. G. de Souza:

“Todo o capítulo não aprofunda Medellín, mas, ao contrário, contra suas intenções, deriva para outra intenção, filosoficamente idealista e liberal, sociologicamente modernizante, ideologicamente desenvolvimentista, ainda que se pretenda criticar estas tendências em outras partes do documento” (9).

Qual a origem dos males de uma sociedade industrial descontrolada? Responde o documento:

“A raiz desses males é o pecado da riqueza não só em sua forma individual que destrói a comunidade de bens, senão também em sua forma coletiva” (nº 302). Que pecado é esse? É a apropriação privada dos bens de produção? E mais: de que comunidade de bens se fala aqui? Que conseqüências teria a luta pela comunidade de bens para os cristãos? O Documento não responde em lugar nenhum.

O que ele faz é acumular afirmações desconexas entre si e inconseqüentes no conjunto.

No plano teológico e pastoral a crítica maior não é de erros teológicos, mas a visão fixista, providencialista de Deus e da sua ação na história. O sonho que o documento acalenta, sonho projetado num mundo ideal e distante nos pode até deixar encantados. Mas de repente caímos na conta: o que o documento nos apresenta é a “ilusão de uma nova cristandade” (Clodovis Boff). Ilusão porque simplesmente inexistem as mediações históricas que mostrem pelo menos plausível um sonho desta natureza.

Uma segunda barreira para uma pastoral descontinuista: os nossos motivos ocultos

A incapacidade de interpretar adequadamente as transformações pelas quais passa nossa sociedade se traduz, a nível subjetivo, numa série de motivos ocultos que levam a nossa pastoral por caminhos que não deixam aparecer a alternativa libertadora, como real. O que não permite que nos coloquemos a possibilidade, e talvez a necessidade, de uma opção radicalmente nova? Juan L. Segundo, no seu livro já mencionado, enumera três formas de medo que inibem a nossa pastoral:

1ª) O medo de passar da pressão à liberdade: há o medo de uma grande debandada no momento em que a adesão ao cristianismo for realmente livre. Escreve Segundo:

“Se a Igreja quiser ter uma pastoral de convicção pessoal, deverá, contra todos os seus costumes e estruturas, começar por deixar totalmente livre o seu interlocutor adulto” (10).

2ª) O medo de passar de uma maioria protegida a uma minoria transformadora. Há dois modos de contar cristãos: pela identificação mínima, em que dispõe do controle sobre uma massa cuja manutenção exige concessões e compromissos; ou pela aceitação da fé como um compromisso de convicção pessoal, um cristianismo coerente. Na medida em que nossa pastoral continua voltada para proteger maiorias cristãs artificiais estamos praticando uma pastoral equívoca. Uma pastoral, como diz Segundo “de um mí-

nimo de exigências para manter um máximo de pessoas” (11).

3ª) O medo da passagem da aliança (com o poder) ao poder do Evangelho. A manutenção de maiorias cristãs, numa sociedade cada vez mais descristianizada, exigiu frequentemente alianças com o poder e com o dinheiro, considerado em geral um mal menor. O que aconteceria com a Igreja se ela passasse ao Estado as suas instituições (colégios, hospitais) e baseasse as suas atividades na força de atração do Evangelho de Jesus Cristo? O que impede que a Igreja dê este passo? (Por que a Igreja espera até que o Estado tome estas instituições à força)? Não será porque a nossa fé no Evangelho não tem mais a força de outrora? Nós temos certeza sobre o que é evangelizar?

O que é evangelizar?

O que fiz até agora foi criticar numa visão equivocada de pastoral na América Latina. Essa crítica foi indispensável para que agora possamos refletir sobre a nova opção, a opção por uma pastoral descontinuista, sem nos deixar enredar de novo em velhos esquemas e em falsas soluções.

A pergunta elementar, a que nos vemos forçados a voltar é afinal, o que é evangelizar?

Para responder, sigo uma pista que nos dá P. Seumois, Conselheiro da Congregação de Propaganda Fide, evangelizar “é comunicar unicamente o essencial de mensagem cristã, comunicá-lo como uma boa notícia e, finalmente, não ajuntar

nada a não ser que seja num ritmo que permita o essencial ficar intacto" (12).

Comunicar só o essencial. Qual o essencial, da fé cristã? Instado, você saberia explicar o essencial de nossa fé, em poucas palavras, a uma pessoa que pouco ou nada soubesse de cristianismo e que estivesse livre para deixar de escutá-lo logo que o assunto já não lhe interessasse?

"Cremos que, feita assim de chofre, essa pergunta, naturalíssima e decisiva para a pastoral atual, encontraria desprevenida a imensa maioria dos pastores, mesmo e talvez mais ainda — os de mais longa experiência" (13).

Como uma boa notícia. A nossa resposta deve ser uma resposta à expectativa dos homens de hoje, assim como as primeiras confissões de fé foram respostas a perguntas e expectativas de então. Para poder responder a expectativas, toda boa evangelização deverá começar escutando e não falando... E depois, não cair (de novo) em fórmulas feitas. Fórmulas que as pessoas repetem sem nada entender, vítimas de fetichismo das fórmulas.

Não estou falando no ar: é experiência de quem lida no campo da sociologia da religião e trabalha nos fins de semana num bairro da periferia de São Paulo. Numa recente pesquisa entre professores de religião no interior de Minas, aplicou-se um teste de conhecimentos mínimos. Uma pergunta era essa: "Quem é a Santíssima Trindade"? Resposta de uma das professoras de

religião: "É a Mãe de Deus". Resposta aparentemente desconexa, mas que tem sua explicação no mundo das fórmulas mágicas, não entendidas mas decoradas (de uma cultura oral). A "Santíssima Trindade" passou a soar como "matrindade", "maternidade". Daí a Mãe de Deus a distância é pequena.

Por fim, não acrescentar nada, a não ser que seja num ritmo que permite ao essencial permanecer realmente essencial. Tantas coisas se acrescentaram a nossa fé, sob a forma de dogmas, polêmicas, devoções, experiências místicas, revelações particulares, que ameaçaram sepultar a limpidez de mensagem original de Jesus.

Os religiosos evangelizados e evangelizadores

Os religiosos representam um imenso potencial evangelizador na América Latina. Só de religiosas existem umas 140.000. Muito se espera de nós, também agora em Puebla e a partir dela. Sentimo-nos aptos ou estamos nos habilitando para assumir uma pastoral nova, descontinuista? Anunciar o evangelho a um adulto livre tem como condição que o próprio pregador ou evangelizador seja uma pessoa livre e que sua instituição tenha optado por lutar pela libertação e pela justiça.

A libertação da mulher consagrada, uma condição para a evangelização libertadora

Se você que me lê for mulher, não deixe de ler o que segue, mes-

mo que você se julgue uma mulher livre. Olhe em seu redor e veja quantas religiosas não são livres nem como pessoas, nem como evangelizadoras. Por que acontece isso? Vou tentar explicar, usando aqui bastante das idéias de Enrique Dussel (14), em um artigo-conferência, em que ele aborda o tema da alienação e libertação da mulher na Igreja. Falando da libertação da consagrada, Dussel lembra que são as dimensões básicas que definem o relacionamento da mulher com as outras pessoas: a relação erótica (face ao varão, em que a mulher se define como esposa), a relação pedagógica (face ao filho em que a mulher se define como mãe) e a relação política (face ao irmão, em que a mulher se define como irmã).

O que vem a ser o celibato da mulher consagrada? Não uma mera "virtude de pureza" (a pureza é uma virtude grega, que via pecado no sexo normal), mas uma consagração a uma arriscada atitude profética. A mulher consagrada se arrisca, sem pôr em risco a vida ou o bem-estar de uma família. Consagra-se à erótica e à maternidade física para poder multiplicar a capacidade profético-pedagógica, política e escatológica.

Mas, pergunta Dussel, o que se passa de fato? O que acontece é que uma moça, já profundamente alienada por uma cultura machista, entra no noviciado de uma congregação religiosa onde freqüentemente se começa por aliená-la a um "varão místico", que não existe como tal (Jesus Cristo não é polígamo, observa Dussel). Ao mesmo tempo dá-se-lhe tal quantidade de traba-

lhos internos que acaba estando mais alienada que uma dona de casa. Não se vê a ela, de maneira nenhuma — ou de raro em raro — proclamando profeticamente a palavra de Deus, ou pedagogicamente falando no rádio, na televisão ou no cinema. Das 140.000 religiosas da América Latina, sairão 5.000 para a ação profética adequada para as exigências de nosso tempo?

A libertação da religiosa, conclui Dussel, é essencial para o processo de libertação latino-americana, sobretudo para o pobre, que necessita de uma religiosa libertada como mulher que o liberte. Como ela vai libertar o pobre, se está travada dentro de comunidade, com uma quantidade de complexos e de falsas opções?

Profecia e testemunho. A ida aos pobres

Escreve o Papa Paulo VI na sua "Evangelii Nuntiandi" que o testemunho da vida tornou-se uma condição essencial para a eficácia profunda de pregação (15). O testemunho de vida que se espera de nós religiosos não é só o testemunho do desprendimento pessoal, mas o exemplo institucional. Aqui podemos repetir a pergunta feita no início, agora a nível institucional: a nossa obra é realmente evangelizadora? Como vêm os pobres nossa obra? Como uma obra para os ricos — onde eles podem ganhar alguma coisa, um prato de comida ou um agasalho, ou como uma obra que está ajudando a mudar a sua vida?

A Igreja nos está incentivando a ir aos pobres. Dizem os bispos do Brasil, nas sugestões para Puebla, elaboradas na Assembléia de Itaici, em abril de 1978:

“Valorizem-se as grandes tendências da **vida religiosa** quanto à evangelização. Amplie-se o campo de atuação apostólica com deslocamentos para novos espaços geográficos e sociais mais pobres” (16).

O que significa a ida aos pobres? O que deve ela significar a partir de uma visão de fé, crítica e libertadora? Que passos parecem mais necessários, na atual conjuntura brasileira, para uma ida mais lúcida a mais evangélica aos pobres?

O que pode e deve significar nossa ida aos pobres: primeiramente, o deslocamento mais intenso de pessoal e de recursos para o meio mais pobre. Esse deslocamento pode obrigar-nos a buscar novas soluções para obras tradicionais, meritórias mas já não prioritárias. Depois, abrir-se a uma nova mentalidade, deixando que o povo ajude a nos reeducar. Esta nova mentalidade requer, entre outras coisas, que se passe a acreditar na força do povo organizado, que façamos as coisas com ele e não por ele; que não determinemos o ritmo de coisas a partir de expectativas externas ou das nossas idéias, mas a partir das possibilidades dadas em cada situação.

O que mais falta aos religiosos engajados com os pobres? Uma necessidade manifestada por diversos que residem em meios pobres e assumem responsabilidades é uma maior capacitação para captar e in-

terpretar corretamente as situações e de definir objetivos e estratégias de ação. Trata-se da formação dentro da ação. Não é só a questão de se fazer planejamento e revisão da ação, mas garantir que estes planos se baseiem em uma interpretação adequada da realidade e da escolha acertada da metodologia. Esta formação pode ser obtida por participação em cursos (por etapas) ou por meio de **seminários permanentes**. Estes consistem em encontros periódicos de pessoal de base, assistidos por assessorias, para o exame de assuntos teóricos ligados à ação e o exame crítico da metodologia de fato seguida pelas pessoas.

Outra necessidade parece ser a da consciência nítida de nossa missão religiosa e de uma “**espiritualidade**” adequada para a nossa ação no meio dos pobres. Um religioso inserido entre os pobres precisa muito de oração, mas de uma oração adequada para o seu meio e sua tarefa. Quem vem de um trabalho com outras classes sociais, talvez tenha que reaprender a rezar. Na sua vivência com o povo lhe ajudará a formular a fé em imagens e palavras compreensíveis pelo povo. Aprenderá ainda a não confundir o seu papel com o de um assistente social ou militante político; antes saberá ser o animador na fé de todos os que lutam com e a favor do povo, assumindo outros papéis só na medida de necessidade. A ida aos pobres poderá exigir um preço de abnegação, privações, ameaças e até de perseguições para as quais devemos estar preparados. Muito cedo poderá surgir a necessidade de fazer opções, dolorosas

talvez, mas exigidas em nome da coerência com o Evangelho. Como exemplo (e com isso termino) vou citar o testemunho de um bispo, conhecido pela nitidez e firmeza de opção, D. Pedro Casaldáliga, que nos conta a hora da opção da Diocese de S. Felix do Araguaia, depois da publicação (em 1970) do documento "Escravidão e Feudalismo no Norte de Mato Grosso", em que o bispo denunciava as atrocidades cometidas contra peões e posseiros:

"A noite em que assinei o documento... sentia que podia ter assinado também a minha própria pena de morte: em todo caso, acabava de assinar um desafio. Efetivamente, poucos dias depois, começou a me chegar a advertência de um dos maiores latifundiários e garim-

peiros do Brasil... não devia meter-me nestes assuntos porque poderiam acusar-me de subversivo... Já havíamos cortado relações com as fazendas. Não podíamos celebrar a Eucaristia à sombra dos senhores, viajando em seus carros ou aviões, comendo ou bebendo uísque em sua mesa, sendo "assistidos" nas celebrações pelos que escravizavam sistematicamente os irmãos menores: essa já não seria mais a Ceia do Senhor... Deixávamos de ser amigos dos grandes e os enfrentávamos... (Em contrapartida íamos ganhando a confiança e o amor dos pobres e oprimidos). Foi hora de opção, dilacerada opção que violentava o próprio temperamento, a vontade natural de estar bem com todos, a formação de mansidão evangélica recebida. Ruptura que continua deixando em tensa cruz a vida da gente" (17).

NOTAS

(1) Conclusões de Medellín, Documento 7, número 24. (2) Idem, ver nota 1, Documento 1, número 1. (3) Pe. Joseph Comblin, **A Ideologia da Segurança Nacional. O poder militar na América Latina**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, página 20. (4) Juan Luís Segundo, **Ação Pastoral Latino-Americana. Seus motivos ocultos**. São Paulo, Edições Loyola, 1978. Veja a Introdução. (5) Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Puebla, México 1978. **Documento de Consulta**. Edições Paulinas, São Paulo, 1978, número 972. (6) Alphonso Garcia Rubio, **Teologia da Libertação: Política ou Profetismo?** São Paulo, Edições Loyola, 1977. Introdução. (7) Clodovis Boff, **A Ilusão de uma nova Cristandade**, Revista Eclesiástica Brasileira, 38/149,

março de 1978, páginas 5-17. E especialmente páginas 12-13. (8) Confira todo o número de **REB** de março de 1978. (9) Idem, ver nota 8, página 23. (10) Idem, ver nota 4, página 61. (11) Idem, ver nota 4, página 63. (12) Idem, ver nota 4, página 94. (13) Idem, ver nota 4, página 96. (14) Enrique Dussel, **Allenação e Libertação da Mulher na Igreja**, um tema de erótica teológica, em *Teologia de la Liberación y Ética*. Buenos Aires, Latinoamericana Libros, 1974, páginas 113-114. O autor é filósofo e teólogo católico, casado, autor entre outros livros de uma *Ética da Libertação Latino-Americana*. (15) **Evangelii Nuntiandi**, número 76. (16) **O São Paulo**, de 29 de abril a 5 de maio de 1978, página 4. (17) Pedro Casaldáliga, **Eu crelo na justiça e na esperança**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, páginas 35-36.

DOIS TESTEMUNHOS. UM DESAFIO AO NOSSO PROFETISMO

Nossos contemporâneos ainda se deixam impressionar por atitudes destemidas e corajosamente coerentes. A muitos é difícil discernir se a verdade ou a inverdade estão em causa. É relativamente fácil perceber a lealdade, a magnanimidade e a retidão de quem professa tal ou tal proposição e sabe morrer diariamente por ela.

Dom Estêvão Bettencourt, OSB
Rio de Janeiro, RJ

A Igreja na América Latina vai tomando consciência cada vez mais viva da sua missão, visto sentir-se solicitada por novos e novos questionamentos derivados da realidade local e contemporânea. Como se compreende, importa enormemente aos Religiosos perceber o desafio que assim é proposto aos cristãos em geral e às famílias religiosas em particular. Nas páginas seguintes, portanto, tentaremos considerar o problema, inspirando-nos em dois depoimentos de pensadores que refletem sobre o nosso mundo ocidental, berçado pelos valores do Evangelho e pela pregação dos Religiosos. Sobre tal base desenvolveremos algumas ponderações concernentes ao testemunho profético dos Religiosos nos dias atuais.

1. Dois depoimentos...

Referir-nos-emos ao historiador inglês Arnold Toynbee, falecido há poucos anos, e ao escritor russo Alexander Soljenitzyn, muito conhecido em nossos ambientes culturais.

1.1. A palavra de Arnold Toynbee

Arnold Toynbee foi considerado o maior historiador dos nossos tempos. Embora não fosse declaradamente cristão, sabia apreciar a história em perspectiva que a fé cristã não recearia abonar. Em sua lucidez de espírito, pôde prever os efeitos da criação de um Estado israelita na Palestina, o fim do colonialismo, o confronto entre o Oriente e o Ocidente... Nos últimos anos

de sua vida passou a ocupar-se com os valores morais da civilização ocidental. De modo especial, a revolução sexual nos Estados Unidos o impressionou. . . Contrariamente ao que pensam outros estudiosos, Toynbee em 1970 afirmava que a liberdade sexual norte-americana (e por que não dizer: . . . da civilização ocidental?) daria ocasião a um surto de ascetismo. Isto, porque — explicava ele — entre as coisas inatas no homem está o sentimento de culpa; a liberdade sexual não suprime a idéia de pecado. Assim “o ascetismo talvez faça sua reaparição nos Estados Unidos”, seja na área sexual, seja no setor econômico. “Os novos campeões do ascetismo ainda não chegaram. Mas chegarão. E não teremos de esperar dois séculos por eles” (1).

Interessa realçar, neste depoimento, a menção do ascetismo e da renúncia de vida como afirmações de genuínos valores do ser humano. A onda de libertinismo é incapaz de sufocar a consciência que todo homem tem, de que é um pecador chamado a voltar a Deus pelos caminhos da sobriedade e da austeridade. Num quadro de vida simples e pobre, segundo Toynbee, os povos ocidentais poderão encontrar de novo a dignidade de costumes, o amor conjugal, o respeito ao sexo e o aconchego da família, que a opulência tem contribuído para fazer esquecer e destruir: “Uma sociedade que declina materialmente, pode ser uma sociedade que ascenda espiritualmente”. Na extrema penúria porque passou o Império Romano decadente dos séculos IV-VI, floresceu o Cristianismo, que salvou da

ruína os grandes valores da civilização antiga. Pois bem: nos próximos decênios, conforme Toynbee, verificar-se-á um declínio da riqueza dos povos ocidentais; estes, dotados e desenvolvidos como são, estão para entrar em regime de severas restrições econômicas; viverão em situação semelhante à de um estado de sítio, experimentando condições tão austeras quanto aquelas que conheceram durante as duas guerras mundiais (tenham-se em vista, aliás, os acontecimentos ocorridos na Inglaterra em começos de 1974!). Ora o historiador inglês fazia votos para que as limitações à opulência e a parcimônia de vida levem os homens ao ascetismo. . . Este será desconfortável, mas “sob certo aspecto poderá tornar-se uma bênção para a nossa civilização ameaçada de destruição pelo seu embotamento face aos valores espirituais. Da austeridade talvez resulte um novo Renascimento no Ocidente”.

Foram estas idéias que valeram a Toynbee a alcunha de “profeta do estado de sítio”, ou seja, da austeridade e da tomada de consciência. Não há dúvida, o historiador inglês assim interpela vivamente os povos ocidentais e, de modo especial, os cristãos. Antes, porém, de aprofundar tais ponderações, registremos ainda outro depoimento.

1.2. As observações de Alexander Soljenitzyn

Este escritor russo, exilado em Vermont (U.S.A.), proferiu recentemente na Universidade de Harvard uma oração, em que apontava a fa-

lência moral do Ocidente (2). O aspecto mais gritante dessa situação seria “o declínio da coragem. . . em cada país, em cada Governo, em cada Partido político e, naturalmente, nas Nações Unidas. Esse declínio da coragem é particularmente claro entre os grupos. . . da elite intelectual”. Soljenitzyn criticou as nações ocidentais por terem “líderes covardes” e “uma população estragada pelos bens materiais”. Observou ainda que as sociedades ocidentais podem estar à beira da própria destruição: “É preciso dizer que desde os tempos antigos o declínio da coragem tem sido considerado o começo do fim”. O escritor lembra ainda o quadro diverso que caracteriza a vida na Rússia Soviética: “Através de intenso sofrimento, nosso país alcançou um desenvolvimento espiritual de tal intensidade que o sistema ocidental, a ele comparado, não apresenta atrativos”.

Com estas palavras, Soljenitzyn alude a um despertar do senso místico registrado ultimamente na Rússia: os intelectuais, em pleno exercício de sua profissão, e os jovens vêm exprimindo a consciência de que existem valores transcendentais. O *samizdat* (rede de difusão clandestina) tem feito chegar ao Ocidente os escritos e as notícias que testemunham tal surto religioso. Este é importante porque brota do íntimo do cidadão russo, visto que não resulta de influências governamentais (ao contrário!) nem de importação de idéias estrangeiras (sabe-se que o controle governamental impede a introdução, na Rússia, de livros que contradigam à ideologia imperante (3).

Por conseguinte, Soljenitzyn julga que, se a opulência e o bem-estar embotam as consciências e amolecem a fibra do cidadão ocidental, a austeridade e a sobriedade que têm sido impostas ao povo russo, contribuem para elevar-lhe a mente e as aspirações. O escritor soviético concluiu:

“Se o Ocidente não chegou ao fim, aproxima-se de importante reviravolta na história, igual, em importância, à da Idade Média para a Renascença. Ela exigirá de nós um reerguimento espiritual. Teremos de nos elevar a novos cumes de visão, a um novo nível de vida. . . Ninguém na terra tem outro caminho a não ser para cima”.

A voz autorizada de Soljenitzyn pode ser comparada à de um profeta, que fala, como ele mesmo diz, “não como adversário, mas como amigo”. Em síntese, denuncia a falta de coragem ou de coerência (capacidade de ir até o fim. . . , de assumir responsabilidades. . .) como sendo o fator da ruína de nossos povos. Estas observações, assim como a de Toynbee, merecem aprofundamento (4).

2. O desafio

As palavras dos citados pensadores não podem deixar de calar no ânimo dos cristãos, pois interpelam povos que tiveram no Evangelho o esteio da sua cultura e que hoje se vêem ameaçados de ceder à filosofia não cristã do hedonismo, do consumismo e do bem-estar. . . De modo especial, a Vida Religiosa vem a ser interpelada por tais reflexões,

que a incitam a repensar as suas responsabilidades e a sua missão no momento atual.

Com efeito. Podemos dizer que o âmago da vocação religiosa é um apelo à coragem, à coerência, à totalidade ou a "ir até o fim...". Trata-se de assumir o Batismo e os compromissos dele decorrentes até as extremas conseqüências. Detenhamo-nos sobre esta afirmação.

2.1. A radicalidade da Vida Religiosa

1. Ultimamente as verdades atrás mencionadas têm sido explanadas mediante a exegese dos textos bíblicos que propõem o "seguir (*akolouthen*) a Cristo" como síntese da vida cristã. Esta expressão não significa apenas "ir após o Cristo", mas é consagrada nos Evangelhos para designar uma seqüela irrestrita, ou seja, a incondicionalidade, a radicalidade, o caráter arriscado da vocação cristã (5). Tenha-se em vista, por exemplo, o famoso texto de Lc 9,57-62:

"Enquanto prosseguiam viagem, alguém disse a Jesus na estrada: 'Eu te seguirei para onde quer que vás'. Ao que Jesus respondeu: 'As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça'. Disse a um outro: 'Segue-me'. Esse respondeu: 'Permite-me ir primeiro enterrar meu pai'. Ele replicou: 'Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus'. Um outro ainda lhe disse: 'Eu te seguirei, Senhor, mas permite-me primeiro despedir-

me dos que estão em minha casa'. Jesus, porém, lhe respondeu: 'Quem põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus'" (6).

Jesus, pois, solicita tudo, absolutamente tudo da parte dos seus seguidores. A vocação dos Apóstolos atesta que eles compreenderam tal apelo:

"Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. E imediatamente, deixadas as redes, seguiram-no" (Mc 1, 16-18; Lc 5,10s).

O "seguir a Jesus", implica, portanto, desapego de toda vinculação terrena e um "carregar a cruz" cotidiano e perseverante:

"Aquele que não toma a sua cruz e me segue, não é digno de mim" (Mt 10, 38; Mt 16,24).

Se procurássemos o porquê da radicalidade desse chamamento, encontraríamos no próprio Evangelho a resposta: Jesus queria dar aos seus seguidores a comunhão da sua vida e da sua intimidade, como também uma participação direta na missão evangelizadora do Mestre (Lc 10,1-17). É por isso também que, usando linguagem simbolista, diríamos: os únicos bens que Jesus permite aos seus seguidores, são as sandálias e o cajado do peregrino, mediante os quais poderão melhor desempenhar a sua tarefa de arautos da Boa-Nova (Mc 6,8-11).

2. As palavras de Cristo encontraram ampla ressonância na Tradição cristã. O "seguir a Cristo" ficou sendo a fórmula característica da vocação de todo cristão. Qual-

quer discípulo de Jesus deve conceber em si a atitude de disponibilidade absoluta, incondicional, que o Mestre exigiu dos seus primeiros seguidores. Assim, por exemplo, esteja disposto extirpar qualquer motivo de escândalo ou tropeço na caminhada ("Se teu olho te escandaliza, arranca-o", Mt 5,29); esteja pronto outrossim a renunciar aos mais legítimos direitos desde que esteja em causa a fidelidade à irrestrita seqüela de Cristo ("Se alguém te esbofeteia na face direita, dá-lhe também a esquerda... ", Mt 5,39).

Mais: desde muito cedo na literatura patrística a expressão "seguir o Cristo" foi-se tornando sinônima de "tornar-se discípulo (*mathetés*)" e de "imitar o Cristo". Não há autêntico seguidor que não seja, ao mesmo tempo, a imagem, tão fiel quanto possível, do Mestre a quem ele segue. Tenham-se em vista, por exemplo, as palavras de S. Inácio de Antioquia († cerca de 110) escritas aos cristãos de Éfeso quando era levado a Roma para ser devorado pelas feras:

"Se estou acorrentado pelo nome de Cristo, não atingi ainda a perfeição em Jesus Cristo. Agora apenas começo a me tornar discípulo, e vos falo como a meus condiscípulos" (Ef 1,2).

No caso de S. Inácio de Antioquia, como no de tantos outros discípulos, o "seguir o Cristo" implicou tornar-se "profeta e mártir (testemunha pelo sangue)"; o sangue, neste contexto, não é mais do que a expressão da extrema coragem e coerência que deve animar o cristão desde o início da sua vocação;

esta, em germen, pode ser, chamente para a efusão do sangue.

3. Ora, se todos os discípulos de Cristo, sem exceção, são incitados a nutrir em si uma atitude de despojamento total e entrega radical (semelhante à do Cristo em relação ao Pai), nem todos são chamados a exteriorizar essa disposição íntima. A alguns o Senhor confia tarefas seculares, destinadas a construir o Reino dentro dos moldes da cidade terrestre; casam-se e servem-se dos bens materiais para prover à sua família e exercer a sua profissão secular; seguem o Cristo na obra de santificar o mundo segundo as facetas mais variegadas que este vai assumindo (fábricas, escritórios, empreendimentos tecnológicos, etc.). Embora possuam, esforçam-se por viver como se não possuíssem, certos de que passa a figura (*toscheema*) deste mundo (cf. 1Cor 7,29-31); devem estar dispostos a abrir mão de qualquer dos seus legítimos bens, desde que isto seja exigido pela incondicionalidade ou absoluta fidelidade à vocação cristã (cf. Mt 5, 38-42).

Eis, porém, que a alguns fiéis o Senhor chama não somente à total disponibilidade interior, mas também a serem sinais vivos e concretos da radicalidade da vocação cristã. O seu quadro de vida há de ser o lembrete, constantemente apresentado a cristãos e não cristãos, de que professar o Cristianismo é viver arriscadamente, é pôr em prática a incondicional seqüela de Cristo ou o espírito das bem-aventuranças evangélicas (7). Tais são os que a Tradição cristã se acostumou a chamar "Religiosos"; não são cris-

tãos de "outra categoria"; antes, são portadores da mesma vocação à perfeição que os demais discípulos de Cristo, mas têm a especial missão de traduzi-la em termos que a assinalem e apregoem concretamente ao mundo inteiro.

Ainda com outras palavras: os Religiosos não constituem uma facção dentro do povo de Deus, mas dão expressão a uma tensão que existe em todo esse povo. Para ilustrá-lo, seja lícito recorrer à imagem da chapa radiográfica: esta põe, muitas vezes, em relevo a ossatura ou a estrutura óssea de um membro, deixando em penumbra os tecidos e vasos que fazem parte desse membro e lhe são necessários. Assim a Vida Religiosa, fixando-se sobre certas atitudes radicais inspiradas pelo Senhor, põe em relevo as exigências de absoluto do Evangelho que todo cristão experimenta de algum modo na sua vocação pessoal (mesmo no século e no matrimônio) pelo fato mesmo de ser cristão. Assim fazendo, o Religioso tem que deixar na penumbra bens autênticos, que nem por isto ele despreza e que outros cristãos põem, de seu modo, em realce. — Concebida nestes termos, é claro que a Vida Religiosa tem, e terá sempre, o seu lugar — lugar de escol — na Igreja de Deus.

Retomemos, porém, o fio de nossas reflexões: em consequência do que foi dito atrás, vê-se que toda comunidade religiosa reproduz em si a imagem do primeiro grupo de Apóstolos e discípulos de Cristo, em termos, naturalmente, adaptados às circunstâncias da época em que vive. Todavia, em meio à varieda-

de de características contingentes de cada fase da história, toda família religiosa há de conservar, como nota essencial que jamais lhe poderá faltar, a radicalidade e a coragem de sua opção pelo Senhor ou, melhor, de sua resposta ao chamamento de Cristo.

2.2. As conseqüências de tais premissas

O que acaba de ser exposto, aviva em nós a consciência de quanto são incisivas para os cristãos, e especialmente para os Religiosos, os depoimentos de Toynbee e Soljenitzyn. Verificando que o mundo ocidental está em declínio porque carece de alguns predicados fundamentais, como são a coragem, a coerência, a austeridade e a sobriedade, apelam indiretamente para os cristãos, que hão de ser, por sua vocação mesma, os portadores de tais virtudes. Mais: pode-se dizer que, dentro do povo cristão, toca aos Religiosos responder, de maneira particularmente enfática, ao desafio que assim é lançado à multidão.

Pois bem; o destemor e a coerência dos Religiosos na incondicional seqüela do Cristo terão dois aspectos:

1) Um, estritamente pessoal... Trata-se, para cada qual, de encarnar em sua conduta a Palavra e a vida do Cristo. Para ser profeta, ou seja, arauto da mensagem do Senhor, o Religioso há de trazê-la primeiramente em si mesmo, cultivando-a mediante fidelidade à vida de oração e aos seus compromissos de Regra.

a) Fidelidade à vida de oração. . . É a oração que desperta no profeta o senso de Deus e lhe abre os olhos para ver como o Senhor vê, querer e amar como o Senhor quer e ama. Se a vida de oração define, o profeta corre o risco de se tornar arauto não da Palavra de Deus, mas, sim, da própria palavra ou do seu próprio sentir; ilude a si mesmo e aos outros. Aliás, o mundo de hoje apresenta impressionantes quadros de procura da oração em suas variadas formas, em atendimento às necessidades que o ativismo desperta naqueles que assim se vão desgastando.

b) Fidelidade aos compromissos de Regra. . . Embora a observância religiosa seja hoje em dia entendida de novas maneiras, ela conserva ainda suas exigências típicas: . . . exigências de ascese, renúncia a si mesmo(a), simplicidade e pobreza. . . A observância, em última análise, é um estilo de vida, que decorre, sem artifícios, mas muito naturalmente, do fato de que o Religioso vive na presença de Deus ou está impregnado do Espírito do Senhor. Quem tem consciência de que se acha diante do Senhor (tanto no oratório como em meio às massas), não poderá deixar de exprimir espontaneamente (talvez até sem grande esforço) o respeito, a dignidade de porte e de palavra que emanam de tal consciência.

2) O segundo aspecto da coragem e da coerência dos Religiosos será de índole social, ou seja, o aspecto do transbordamento e da comunicação, aos irmãos, dos bens gratuitamente recebidos da parte do Senhor.

a) Os(as) Religiosos(as) de vida contemplativa ou claustral não de se preocupar com as grandes intenções da S. Igreja. São chamados também a colaborar na difusão do Reino de Deus. E isto, não somente mediante a oração, mas também mediante as formas de apostolado que a S. Igreja lhes vai facultando e que possam parecer oportunas a alguma comunidade: acolhida de hóspedes para retiros ou palestras, catequese dentro dos termos adequados, redação, tradução e publicação de escritos, etc.

b) Os(as) Religiosos(as) de vida mista têm, em sua vocação específica, o campo próprio de seu apostolado. O desempenho fiel e abnegado da tarefa é sempre fonte de imensa alegria, mesmo quando os frutos não são visíveis. É a incoerência, são as semiatitudes, as meias-medidas covardes que desgastam o profeta, não só cancelando-lhe o nome de autêntico arauto do Senhor (8), mas também fazendo-lhe secar o manancial da felicidade interior. Aliás, nota-se que os homens hoje em dia são, muitas vezes, céticos em relação às mensagens que ouvem. Estas se multiplicam e projetam amplamente sobre as platéias, que, decepcionadas, já não lhes dão fácil crédito. . . Em outras palavras: os homens de hoje são muito mais sensíveis à sinceridade e à coerência (autenticidade) do que à verdade, principalmente quando se trata das verdades da fé. Estas, não podendo ser compreendidas pelo esquadro, o compasso e a régua, parecem reduzir-se a sentimentos subjetivos e preferências pessoais. Todavia os nossos contemporâneos ainda se deixam impressionar por atitudes des-

temidas e corajosamente coerentes, mesmo quando assumidas em prol da inverdade ou do erro; a muitos é difícil discernir se a verdade ou a inverdade estão em causa, mas é relativamente fácil perceber a lealdade, a retidão e a magnanimidade de quem professa tal ou tal proposição e sabe diariamente morrer por ela.

Na linha, portanto, da sinceridade e da coerência coloca-se hoje, de modo especial, a missão dos Religiosos. Se o mundo carece de coragem ou coerência para assumir os valores da verdade, da justiça e da fraternidade, compete aos cristãos é, em particular, aos Religiosos oferecer a seus irmãos a vivência destemida de tais valores. Dilatando ainda as nossas perspectivas, diríamos com Toynbee: como os monges contribuíram decisivamente para salvar das ruínas a civilização ocidental ameaçada de perecer sob os golpes das invasões bárbaras no fim da Idade Antiga, assim em nossos dias a responsabilidade de salvar a cultura ocidental (que é fundamentalmente cristã) compete aos cristãos. . . Dessa missão os Religiosos serão o sinal lúcido e atuante e os referenciais aptos a despertar a consciência do povo de Deus ou dos homens em meio aos quais vivem.

3. O Sinal na Bíblia e hoje

Na S. Escritura, o profeta é, não raro, autenticado e corroborado pelo Senhor Deus mediante feitos portentosos, que comumente são chamados milagres. Vendo tais obras portentosas, o povo se rendia ao testemunho do profeta e proclamava a sua fé (9).

A palavra "milagre", proveniente do vocábulo latino *miraculum* (= feito que provoca admiração), é muitas vezes entendida simplesmente como acontecimento prodigioso ou portentoso. O milagre seria um *show* da onipotência divina. . . ! Ora tal interpretação é inadequada e tem-se prestado a confusões (10).

O milagre na Bíblia é, antes do mais, uma palavra que Deus dirige aos homens em estilo que os impressione mais do que as palavras habituais dos profetas ou mensageiros divinos. Em outros termos: o milagre é essencialmente um sinal (*seméion*) mediante o qual Deus quer identificar alguém ou alguma mensagem como sendo obra sua (do Senhor). Assim o milagre é algo de coerente com todo o plano da Encarnação; com efeito, na plenitude dos tempos Deus quis falar aos homens mediante a natureza humana de Jesus Cristo; então o semblante de Jesus, seu olhar, suas mãos, seus gestos se tornaram expressões e veículos da revelação do Pai. Em consequência, o corpo humano e o mundo material em geral se tornaram instrumentos do Redentor e o espelho no qual se refletem valores espirituais transcendentais.

A palavra de Jesus foi, mais de uma vez, confirmada por milagres-sinais. Assim, por exemplo, o perdão dos pecados outorgado ao paralítico, e mal-entendido pelos escribas, foi corroborado pela cura do enfermo (Mc 2,5-12). Pois bem: aos profetas contemporâneos Deus pode também conceder o dom dos milagres ou dos sinais extraordinários:

estes têm ocorrido, como se crê, na vida de homens e mulheres de Deus até os nossos tempos (tenham-se em vista o cura de Ars, S. João Bosco e outros...). Nenhum profeta, porém, tem o direito de contar com tal tipo de assistência da parte do Senhor Deus... Há, sim, outro tipo de **miraculum** ou de feito que suscita a admiração dos homens e que assinala a veracidade da pregação dos profetas: é a autenticidade e coerência de vida do próprio profeta; são estas virtudes que, por se terem rarefeito, vêm a ser motivo de

admiração e de possível adesão ou conversão por parte de quem as contempla encarnadas na pessoa do mensageiro. Por conseguinte, ser um **miraculum** (no sentido de "sinal que desperta, surpreende, provoca sadia curiosidade") pela retidão, pela coerência, pela magnanimidade... de sua conduta, eis o que o mundo pede hoje, de modo especial, a todos os portadores da Boa-Nova ou, mais precisamente no nosso caso, a todos os que foram chamados a ser sinais vivos do Reino em meio à multidão dos homens!

NOTAS

(1) Esta notícia, com as citações entre aspas (que transmitem verbalmente o pensamento de Toynbee) foram colhidas no *Jornal do Brasil*, 18 de maio de 1977, Caderno B, página 1: **Arnold Toynbee, o profeta do estado de sítio**. (2) *Jornal do Brasil*, 9 de junho de 1978, primeiro caderno, página 13. (3) A respeito, ver **Pergunte e Responderemos**, 197/1976, páginas 201-206; 198/1976, páginas 231-245; 200/1976, páginas 327-336. (4) Verdade é que a senhora Rosalyn Carter, primeira dama dos Estados Unidos, declarou, em resposta a Soljenitzyn, que "os norte-americanos não são débeis nem covardes, nem estão espiritualmente exaustos", mas ao contrário, desejam levar vida útil aos demais povos, *Jornal do Brasil*, 21 de junho de 1978, primeiro caderno, página 13. Sem querer descer a pormenores ou fazer aplicações particulares, julgamos que Soljenitzyn tem razão, de modo geral, ao apresentar suas observações. (5) A propósito sejam citados: A. Schulz, **Discípulos do Senhor**, São Paulo, 1969; J. M. R. Tillard, **Religiosos, Vivência e Evangelho**, São Paulo, 1978; H. Schuermann, **Le groupe des disciples de Jésus, signe pour Israël et prototype de la vie selon les conseils**, em *Christus*, 50, 1966, páginas

184-209. (6) Este texto lembra a vocação de Eliseu por parte de Elias, 1 Rs 19, 19-21. O evangelista empenhou-se por colocar a vocação cristã na linha das grandes vocações e da magnanimidade que sempre caracterizaram os amigos de Deus. (7) Constituição **Lumen Gentium**, número 44: "A profissão dos conselhos evangélicos se apresenta como um sinal que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja ao cumprimento dedicado dos deveres impostos pela vocação cristã... O estado religioso manifesta já neste mundo a todos os fiéis a presença dos bens celestes, dá testemunho da nova e eterna vida conquistada pela redenção de Cristo". (8) A Escritura recrimina freqüentemente os falsos profetas que fogem da dureza de sua tarefa para dizer **sim** às atitudes amolecidas e desfibradas: Jr 5, 31; 14, 14; 27, 10; 29, 9; Lm 2, 14. (9) Entre outros feitos, seja citada a ressurreição do filho da viúva de Naim: "O morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe. Todos ficaram com muito medo e glorificaram a Deus, dizendo: um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo", Lc 7, 15. (10) Ver Louis Monden, **Le miracle, signe de salut**. Desclée de Brouwer, 1960, obra até hoje não ultrapassada.

VIDA RELIGIOSA

E

SERVIÇO DA IGREJA

Nossa primeira obrigação, como religiosos, será fazer-nos "homines servientes" que vivem com o suficiente. Ao "homo consumens", egoísta, egocêntrico, obcecado pelo ter mais, pelo ser mais escravo das necessidades que ele mesmo se cria, insatisfeito e invejoso, se opõe o "homo serviens" que aspira ser melhor, desenvolver sua capacidade de serviço em solidariedade.

Pe. Pedro Arrupe, SJ
Roma, Itália

Falar-lhes nesta ocasião é um privilégio que lhes agradeço muito. Primeiramente, trago-lhes a afetuosa saudação das Uniões de Religiosos (USG e UISG) e transmito-lhes nosso agradecimento e admiração pelos constantes esforços em prol da renovação e do fomento da vida religiosa. Muito Obrigado!

O tema deste congresso é "O futuro da vida religiosa que construímos juntos para o amanhã". Gostaria de contribuir neste estudo compartilhando com vocês minhas reflexões sobre uma questão prévia a

essa visão de futuro e que, em grande parte, pode condicioná-lo: **Qual é o melhor serviço que os religiosos podem prestar hoje à humanidade e à Igreja?**

Partimos da idéia que a vida religiosa tem sentido enquanto for um serviço à Igreja e à humanidade, e tem futuro enquanto continuar prestando validamente esse serviço.

O Instituto Religioso de homens ou mulheres que se reconhecesse ou fosse declarado incapaz desse serviço, seria desde então "a figueira sem fruto", sem direito a um lugar ao sol e que deve ser removida (1).

Qual é o serviço que a vida religiosa deve prestar hoje? Enfatizo o "hoje", porque é a primeira ga-

Palestra proferida no III Encontro Interamericano de Religiosos em Montréal, Canadá, novembro de 1977.

rantia do futuro. O mundo se transforma e muda também o serviço concreto que ele espera de nós. O serviço que pode prestar cada Instituto Religioso, de homens ou de mulheres, é diferente porque os carismas fundacionais são diferentes. E é evolutivo, se quer conservar sua eficácia neste "aqui e agora".

Porém, não haverá um denominador comum, constante e necessário para todos os Institutos Religiosos? Sim, existe, uma vez que a vida religiosa — seja qual for a modalidade adotada em cada Instituto — é o Evangelho traduzido para a vida, à maneira de Cristo. E dessa aspiração fundamental comum a todos — seguimento de Cristo — nasce a preocupação comum de oferecer o melhor serviço a Cristo no futuro, tema deste Congresso, e a necessidade de conhecer previamente qual é o serviço urgente que damos depende o futuro. Ou melhor, em seu seio já se engendrou o futuro.

A novidade do Evangelho

A novidade do Evangelho está em sua lei fundamental: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo, porque neste único preceito a lei atinge sua plenitude" (2). E "como Eu vos tenho amado, assim também deveis amar-vos uns aos outros" (3). Esse "como Eu" é a verdadeira característica: "Nisto verão que sois os meus discípulos" (4). E esse amor incondicional a Deus e aos irmãos é serviço, como o de Cristo, até a morte (5), não buscando ser servido, mas sim, servir (6), nem se limitando a dar as nossas coisas, mas sim, dando-nos a nós mesmos, despojan-

do-nos de todo egoísmo, como Cristo, que "tomou sobre si a condição de servo" (7).

Esta novidade do Evangelho é um ideal de vida para todo cristão. O que faz um cristão dar o salto qualitativo e converter-se em "religioso", é a insuperável radicalidade nesse amor e nesse serviço, selada por uma profissão de vida assim, publicamente oferecida a Deus e à Igreja (8).

Em outras palavras, a vocação do eleito por Cristo "não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu quem vos escolheu primeiro" (9), é "não somente anunciar a Cristo ou pregá-lo, mas implantar a economia evangélica, fazer que os homens se amem entre si como Cristo nos amou, e que tomem consciência de que este amor lhes é dado gratuitamente por outro. Um Outro que amou-os até querer comunicar-lhes seu próprio amor, morrendo e resuscitando por eles e tornando-se seu alimento na Eucaristia. Assim chega-se à maturidade cristã" (10).

O Serviço ao Mundo de Hoje

A — Dados sobre o mundo de hoje

Todos conhecemos as espantosas conquistas da atual civilização: materiais, científicas, tecnológicas, e também, no campo religioso humanitário e ético. E, no entanto, o nosso mundo está ameaçado por dois espectros gêmeos: a pobreza e a guerra.

Não se pode descartar a guerra se antes não se tiver proscrito, a fome,

a desnutrição, a carência de cultura e instrução, que provêm, em parte de uma intolerável injustiça e opressão. Dentro de 30 anos, quando os habitantes do globo chegarem a 6 bilhões, como 5 bilhões destes irão suportar se ver privados de seus direitos naturais, especialmente quando o número de potenciais nucleares terá aumentado em quantia indeterminável?

No ano 2.000 a situação será pior: os ricos terão se enriquecido mais e os pobres serão mais pobres. A diferença numérica entre uns e outros e a diferença qualitativa de seus níveis de vida ter-se-ão agitado. Quanto pode prolongar-se este processo?

B — Posição do homem

Hoje já é evidente o que o homem poderia fazer para que este mundo fosse mais justo, porém **não quer**. As desigualdades e injustiças não podem continuar sendo consideradas como resultado de certa fatalidade natural: são obra do homem e de seu egoísmo.

De quem é esse egoísmo? Seria muito cômodo e tranquilizador atribuir a responsabilidade dessa injustiça estruturada e institucionalizada às anônimas e sinistras corporações multinacionais, ou a um ou dois dos colossos industriais ou potências políticas. Se essas corporações ou Estados existem é porque, entre outros, os cristãos são seus fundadores, promotores, submissos clientes. Muitos governos são o que são: insensíveis à fraternidade e incapazes de detectar as causas ou agentes da injustiça, porque seus cidadãos não

pensam em sacrificar-se, em não se odiar, em renunciar à ânsia de possuir, sempre mais, à reduzir seu padrão de vida, para que possa ser diminuída a pobreza que açoita a imensa maioria da humanidade. E, dirigindo a antena para outros setores do mundo, porque não se busca uma solução alternativa à guerrilha ou à violência, na reivindicação dos justos direitos.

C — “Homo Consumens”

Uma grande proporção de homens e mulheres dos países abastados parece ter trocado a espécie “homo sapiens” para “homo consumens” (consumidor). Desde a infância somos modelados como consumidores, em mãos de uma publicidade que é como o ar que respiramos. Uma vez formado esse “homo consumens”, ele e ela, influenciam, por sua vez, na economia, criando e justificando necessidades cada vez maiores: o supérfluo se torna conveniente, o conveniente se faz necessário, o necessário se converte em indispensável (11).

A propaganda é perfeitamente estudada para passar do nível racional e consciente ao inconsciente, com penetração tão decisiva em nossa psicologia e nossas decisões, que alguns chegam a se perguntar se realmente nos resta alguma liberdade para comportar-nos de modo diverso.

D — Sociedade de consumo

Não se contentam em modelar a pessoa do consumidor. Chegam também a criar a “sociedade de consu-

mo”, com valores, atitudes e leis próprias, com manifesta consciência de superioridade de classe. Nessa sociedade “liberdade” quer dizer: uso limitado de bens, serviços, dinheiro. “Desenvolvimento” significa: ter mais, industrialização, urbanização, aumento de receitas per capita. A “informação”, segundo esse esquema, é livre quando vem de determinada direção e empurra para determinadas metas. A finalidade de tudo isto é abrir ou ampliar mercados, aumentar os benefícios, e, para isso, converter a “aldeia global” em “cidade de negócios”. O centro: meu “eu”; as demais pessoas: “coisas” para mim. O motivo: ganância. A lei moral: a eficiência. Meios: todos os que são eficazes, sofra quem sofrer.

E — Juventude e sociedade de consumo

A juventude, por intuição, se rebelou contra este estado de coisas, rechaçando a sociedade de consumo. Por todas as partes surgem grupos de jovens que rompem com a cultura do envolvimento e adotam um estilo simples de vida. Não aceitam maior discriminação do que aquela que é imposta pela diversidade de serviços requeridos pela comunidade. Colocam em comum os seus bens. É uma ruptura aberta com a sociedade de consumo, e além do capitalismo, lutam contra a sociedade industrial e invertem radicalmente a lógica, da abundância, inclusive em sua versão coletivista. Os jovens, sem negar o conflito entre as classes sociais e o conflito entre as nações, intuem e denunciam um abuso mais radical e profundo: o do homem sobre a natureza.

F — “Como construir uma “sociedade do suficiente”

Do que foi dito, se deduz que a frugalidade ou austeridade de vida aparece como absolutamente necessária para a sobrevivência material e social do gênero humano. Inclusive os líderes de partidos materialistas-marxistas o reconhecem assim:

“A austeridade não é um mero instrumento de política conjuntural para resolver dificuldades passageiras: é o meio de chegar à raiz — e poder cimentar a sólida reedificação — de um sistema que sofre crises estruturais profundas e não somente conjunturais. Um sistema cujo sinal distintivo é o consumismo mais desenfreado. A austeridade traz um novo quadro de valores: rigor, eficácia, seriedade, justiça... Uma política de austeridade, de rigor, é uma necessidade irrecusável para todos. É a plataforma com o qual vamos impulsionar a grande luta pela transformação geral da sociedade ou das idéias sobre as quais está edificada essa sociedade”.

E quanto mais poderia falar quem analisa com critérios e medidas evangélicas a sociedade atual! Todos admitem a necessidade de fazer algo eficaz, coisa que não poderá ser feita sem grandes sacrifícios. Porém, quem está disposto à fazê-los? Ninguém faz nada, porque não se tem uma motivação, suficientemente forte e persuasiva, à altura do sacrifício que exige tornar-se mais frugal. O pobre diz: “que os ricos comem, tanta frugalidade até agora coube a mim!”. E o rico diz: “por que vou sacrificar o que legitimamente con-

segui? Não conduz a nada se os outros não o fizerem também. Que eles comecem e veremos!” E assim, ninguém faz nada.

Assim como para criar a “sociedade de consumo” se começa criando e edificando o “homem consumido”, seu elemento base, da mesma maneira, para criar uma sociedade justa e equilibrada, com possibilidades de sobrevivência, temos de começar criando o “homo serviens” (homem que serve) (12), que se sinta irmão dos demais e solidário de todos. Ao “homo consumens”, egocêntrico, egoísta, obsecado pelo “ter” mais que pelo “ser” escravo das necessidades que ele mesmo se cria, insatisfeito e invejoso, e cujo único princípio moral é acumular bens, se opõe o “homo serviens” que não aspira por ter mais, mas a ser melhor, a desenvolver sua capacidade de serviço aos demais em solidariedade, com um moderado conceito do que é “suficiente”. Nossa primeira obrigação, como religiosos, será fazer-nos “homines servientes” que vivem com o suficiente.

Urgência de uma Solução

A universalidade desta deformação mental e social, a profundidade e complexidade de suas implicações, e a gravidade de seus efeitos, tornaram este problema o número um em importância e urgência, e devemos senti-lo na própria carne, todos e cada um aqui presente. “É urgente apressar-se” gritava o Santo Padre, “há situações cuja injustiça clama aos céus” (13). “As esperanças e as alegrias, as tristezas e as angústias dos homens de nosso tempo, sobre-

tudo dos pobres e daqueles que sofrem, são, ao mesmo tempo, alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo” (14).

O Santo Padre mesmo, falando aos religiosos, diz: “Mais agudamente do que nunca, vocês ouvem o “grito dos pobres” desde o fundo de sua indigência pessoal e miséria coletiva... Esse grito os obriga a despertar as consciências... induz a alguns de vocês a unirem-se aos pobres em sua condição, a compartilhar suas ânsias pungentes. Impõe-lhes um uso de bens que se limite ao necessário para o cumprimento das funções às quais foram chamados. É necessário que tornem patentes em sua vida cotidiana as provas, inclusive externas, de autêntica pobreza (15).” “As necessidades do mundo de hoje, se vocês as experimentam em íntima união com Cristo, tornam mais urgente e profunda a vivência da pobreza. Se lhes é necessário, evidentemente, levar em conta o ambiente humano que vivem para adaptar-lhe o estilo de vida, a pobreza de vocês não poderá ser pura e simplesmente uma conformidade com os costumes de tal ambiente. Seu valor de testemunho lhe virá de uma resposta generosa à exigência evangélica na fidelidade total à vocação de vocês, e não somente de uma preocupação em parecer pobre” (16).

A esse “grito dos pobres” se une, no coração dos religiosos, o eco do “sim” incondicional dado pessoalmente a Cristo quando aceitamos seu convite “vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e vem e segue-me” (17).

Essa responsabilidade e necessidade de ação, significa que temos que ir às barricadas, à revolução? Não. Nem sequer comporta preferências com uma ou outra forma de apostolado.

Cada Instituto tem suas formas próprias e suas prioridades. Porém todos somos chamados a uma solidariedade — não só afetiva, mas também efetiva — com os pobres.

Deveríamos renunciar a tantas coisas que nos parecem necessárias! A credibilidade do Evangelho e da Igreja ocorrerá na medida desta solidariedade, sobriedade e autêntica pobreza (18). O Concílio nos diz: “É necessário que os religiosos sejam pobres de fato e de espírito” (19).

É necessário que esta frugalidade e desprendimento se estendam também a nossos meios de evangelização, não deixando-nos arrastar pelo signo da eficiência.

Devemos garantir que nossos meios não sejam mais que isso, simples meios, justificados por um fim proporcionado. E deles nos serviremos, aplicando o princípio inaciano do “tanto quanto”, somente na medida em que forem autenticamente indispensáveis na construção do reino de Cristo. E sem que, pessoalmente nos beneficiemos com algo que possa dificultar nosso desprendimento.

Porém, chega de argumentos. O que necessitamos é reflexão, mas, sobretudo, execução, ação. Se a este desafio não damos uma resposta radicalmente evangélica, a vida religiosa perde sua razão de sobreviver. Mas se a esse desafio se responde com a profundidade e a energia que

Cristo e os candidatos à vida religiosa esperam, se verificará um exuberante crescimento e florescimento.

Creio que chegou o momento de nos fazermos estas perguntas:

◆ Que significa para mim a pobreza religiosa?

◆ Que sinto quando, em íntimo colóquio com Cristo pobre, olho tudo o que possuo e utilizo? Quantas coisas desnecessárias eu tenho?

Quando digo que quero privar-me de algo para ajudar aos pobres, de que me desprendo? E não vale dizer que é um ato simbólico. Não estamos mais para simbolismos a essa altura, mas sim, para atitudes reais e eficazes, que valham aquilo que pregam. Lembremos aquilo de S. Tiago: “Se não lhes dais o necessário para viver, de que lhes servem vossas palavras de alento?” (20).

Esta “conversão à frugalidade” exige que previamente retornemos aos fundamentos mesmos de nossa espiritualidade.

Somente aí nos reabastecemos da energia espiritual indispensável para sentir-nos inspirados, impelidos e revigorados pela força do Espírito. Ele é o único capaz de nos tornar vitoriosos no choque frontal com as forças do egoísmo organizado numa rede de poder que aprisiona o mundo inteiro e a nós também.

O mundo necessita um testemunho tão patente e inconfundível, que lhe cause a sacudida de um “choque” e o force a abrir os olhos à realidade de seu problema e de sua

única solução. Isto, não o conseguiremos com declarações e palavras que o vento leva, nem com equívocos dos quais o mundo já está farto e saturado. Fazem falta testemunhos tão claros e convincentes que seja impossível passarem despercebidos e deixem bem patente a exclusividade da mensagem através de uma vida possível somente com a força de Cristo, único salvador e filho único de Deus.

Este Congresso Pan-Americano de Religiosos é um lugar privilegiado para refletir diante de Deus sobre este ponto em que todos desejam ajudar e ser ajudados por todos, baseados em alguns princípios evangélicos comuns e unanimemente aceitos:

— Que todos somos filhos de Deus (21). O homem, com relação aos bens de que dispõe, não é dono mas administrador, e terá que prestar contas ao Senhor de tudo e de todos (22).

— Que devemos amar a todos como a nós mesmos e como Cristo nos amou, fazendo aos demais o que gostaríamos que fizessem a nós (23).

— Que os pobres são bem-aventurados (24).

— Que é mais difícil um rico entrar no reino dos céus que um camelo passar pelo olho de uma agulha (25).

— Que Deus preferiu os pobres deste mundo (27). “Evangelizare pauperibus misit me” (28).

— Que aqueles que querem se enriquecer caem na tentação (26).

— Que deve bastar ter o que comer e com que se vestir (29).

— Que não devemos nos preocupar com o amanhã: a cada dia bastam suas próprias preocupações (30).

— Que devemos ter os sentimentos de Cristo que se despojou de si mesmo e se fez servo (31).

Permitam-me dizer àqueles que procedem de países industrializados do hemisfério norte, que é grande a responsabilidade de vocês em apresentar esta doutrina a uma sociedade de cuja atitude e orientações depende a sorte de milhões de homens que sofrem opressão e miséria. Corre-se o perigo de fazer uma leitura parcial e adocicada do Evangelho, que permite em sã consciência, instrumentalizar os valores evangélicos de liberdade, propriedade e progresso, fazendo deles instrumentos de dominação, exploração ou servidão alheia.

E aos que procedem da América Latina, percebo-os identificados com as imensas multidões humilhadas em sua dignidade de pessoas e privadas de tantas coisas indispensáveis, em vista de uma minoria, à qual sobra de tudo.

América Latina: caleidoscópio de culturas, riquezas e misérias, esperança e angústia da Igreja. Não permitam que ao ajudar seus povos a conseguirem aquilo de que injustamente carecem, se instrumentalizem alguns valores — libertação, igualdade — esquecendo-se de outros: fraternidade, paz, transcendência, e esse valor da simplicidade e da pobreza que fez dos “pequenos deste mundo” os preferidos de Cristo (32).

Que na frente esteja o testemunho de todos, prova da sinceridade e justificação de nossa liberdade de denúncia. Nem diante dos opulentos e nem dos indigentes, nem diante dos opressores e nem dos oprimidos, nem diante dos crentes e nem dos não-crentes, nossas palavras terão eficácia se a austeridade de nossa vida pessoal não reflete, além de qualquer suspeita e malícia alheia, a doutrina que proclamamos.

Este testemunho terá que ser dado inclusive quando as exigências de um apostolado autêntico exijam de nós estar imersos num meio urbano, de alto nível, em algum trabalho remunerado, etc. Circunstâncias estas que requerem maior explicitação de austeridade e desprendimento daquele que exerce o apostolado e das razões pelas quais o desenvolve em tais circunstâncias: relativização clara e nítida do dinheiro e do poder, simplicidade na sua comida, na maneira de vestir e nos meios de transporte.

Como irão receber nossas reivindicações de justiça se nos vêem em um nível de vida superior ao de muitos conhecidos nossos? Se nossa ação é cercada de privilégios? Se nossos relacionamentos nos vinculam mais com os opulentos, os opressores e os dominantes? E, por outro lado, como será reconhecido o caráter evangélico da nossa mensagem de justiça, se colocamos em cena a guerrilha ou a violência, aderindo a um radicalismo rebelde? Ou corrompendo com contribuições metodológicas ou ideológicas atéias nosso trabalho de conscientização? Como irão se convencer de que acreditamos naquilo que pregamos

se nos percebem covardes em denunciar evangelicamente as injustiças por medo às repercussões a respeito de nossas pessoas ou nossas obras?

Aqui está, a resposta a minha pergunta, tal como eu vejo as coisas: o melhor serviço que os religiosos podem prestar hoje à humanidade é dar um irrefutável testemunho anticonsumista, com uma vida austera e frugal, oferecendo ao mundo em nossa própria pessoa essa interpretação do Evangelho, autêntica e libertadora, pelo qual está suspirando.

Austeridade, por outro lado, à qual o mundo, se quiser sobreviver, terá de chegar necessariamente por um dos dois caminhos: ou o da força de um estado totalitário de qualquer natureza, que a imporá pela força bruta em troca da liberdade e dos mais altos valores da pessoa — alegando às vezes, paradoxalmente, inspirar-se em Cristo e em sua mensagem. Ou pelo caminho do amor evangélico em virtude do qual deve-se aceitar o sacrifício que exige o bem de todos. Nossa opção, como religiosos, não permite dúvida. Porém, estamos dispostos a dar um passo em frente?

Essa austeridade, da qual nenhum religioso ou religiosa pode considerar-se dispensado, será em muitos casos, infelizmente, o único grau que a força de nosso testemunho como religiosos seja de uma eficácia irresistível, é preciso que muitos outros religiosos e religiosas, movidos pelo Espírito se tornem mais efetivamente solidários com os pobres, trabalhando diretamente entre

eles e para eles, em tarefas particulares, de assistência e de promoção. Certamente, mais convincente e definitiva será a solidariedade exclusiva e total daqueles que, isolada ou institucionalmente, se inserirem entre eles, compartilhando sua vida, suas necessidades e suas esperanças.

A efetiva **solidariedade** do religioso com os verdadeiramente, pobres, é acompanhada pela **solidão** entre os pobres. O religioso sente como suas e partilha as justas aspirações do mundo operário descristianizado, porém, ao mesmo tempo, se sente só ao ver que, em troca, não são compreendidos às vezes, pelo mundo do trabalho, os seus ideais, suas motivações, seus métodos. No fundo de sua alma se encontra mergulhado em solidão completa: necessita de Deus e de sua força para poder manter-se trabalhando na solidão de sua solidariedade — solidário, porém solitário — e, em definitivo, incompreendido e só. Por isso vemos que tantos religiosos e religiosas inseridos no mundo operário adquirem uma nova experiência de DEUS.

Encontrando-se sós e incompreendidos, o seu íntimo está preparado para receber a plenitude de Deus. Nesta simples experiência, se sentem abertos e pequenos para apreciar como Deus lhes fala através daqueles à quem se sentem solidários. Vêm neles, os marginalizados, ainda que muitas vezes não sejam, nem sequer crentes, que têm algo de divino a dizer-lhes através de seu sofrimento, sua opressão, seu desamparo. Aqui se entende a verdadei-

ra pobreza: ainda se recobra a consciência da própria incapacidade e ignorância, e se abre o coração para receber profundas lições apreendidas na vida dos pobres, explicadas por Deus através destes rostos rudes, destas vidas semi-destruídas. É um novo rosto de Cristo descoberto nos "pequenos" (33).

Um testemunho de vida assim é sumamente eficaz, pois, será imitado ou, ao menos, compreendido e reconhecido pelos outros. E é também um aparente paradoxo: de um lado, se está consciente da insuficiência do próprio testemunho frente à magnitude do problema; e por outro lado se está persuadido de que é um testemunho necessário, que o Senhor nos pede, para torná-lo potente com a sua graça onipotente.

Reconheço a extrema dificuldade do empreendimento, e, sem dúvida, creio que este Congresso — ou melhor, convivência — é uma ocasião privilegiada para refletirmos sobre isto, juntos, diante do Senhor.

É decisivo que nós acreditemos na força do Espírito. E isso só se aprende experimentando interiormente o ímpeto da "dynamis" de Deus, que arrasta e, sem forçar a liberdade, consegue o quanto quer. Aquela força da palavra de Deus que não retorna vencida, ou como vendaval de Pentecoste que tornou possível a realização, pelos pobres pescadores, de imenso apostolado entre os poderosos e sábios da terra. Isto é o que hoje necessitamos: religiosos que acreditem, que tenham essa experiência de Deus, que atuem valentemente em nome de Deus, conscientes de que a onipo-

tência de Deus está com eles, e não percam, apesar disso, a consciência da própria insignificância.

Este é o serviço que a Igreja deseja de todos nós hoje, e, ao mesmo tempo, um começo de um novo futuro e de uma nova imagem da vida religiosa. O Senhor nos chama; de nós depende a resposta!

NOTAS

(1) Mt 21, 18-20. (2) Gál 5, 14. (3) Jo 13, 34. (4) Ibidem. (5) Jo 15, 13. (6) Mt 20, 28. (7) Fil 2, 7. (8) LG 42 ss; PC 1, 2. (9) Jo 15, 16. (10) Presb. Ord. 6. (11) Erich Fromm, *The psychological aspects of guaranteed income*. Doubled Day, New York. (12) Fil 2, 7; Mt 20, 28. (13) Pop. Progr. 29, 30. (14) Gaud. et Spes, 1. (15) Ev. Testif. 17, 18. (16) Ev. Testif. 22. (17) Mt 19, 21. (18) *Justicia nel mundo*, Sínodo 1971, parte II. (19) Perf. Car. 13. (20) Tg 2, 16. (21) Gál 3, 26. (22) Lc 16, 2. (23) Lc 7, 12. (24) Mt 5, 3. (25) Lc 18, 25. (26) 1 Tim 6, 9. (27) Tg 2, 5. (28) Lc 4, 18. (29) 1 Tim 6, 8. (30) Mt 6, 34. (31) Fil 2, 57. (32) Mt 11, 25. (33) Mt 25, 46.

Como Você vê a Igreja na América Latina?

O mundo, em geral, e o nosso mundo latino-americano, em particular, é o mundo da concorrência selvagem e da aplicação impiedosa da lei do mais forte. Um mundo covarde, sem coragem nem coerência. Sem capacidade de ir até o fim. Um mundo de intolerável injustiça e opressão. O avanço avassalador do capitalismo que criou a própria ética, a ética do sucesso, revela que a Igreja perdeu o controle moral da **classe dominante**. As **classes subalternas** ameaçam abandoná-la, se a Igreja não se dispuser a solidarizar-se com elas na luta por suas justas reivindicações. **Os ricos** ameaçam reduzir a influência da Igreja se ela deixar de favorecer uma religião de conformismo social e de consolos espirituais para as aflições dos pobres. Neste panorama, eu vejo a Igreja Latino-Americana disposta a ser coerente com sua opção pelos pobres mesmo sabendo do caráter arriscado desta sua opção e desta sua atitude. A incoerência, as semiatitudes, as meias medidas desgastaram e desbotaram a imagem da Igreja. O manancial de sua força não se esgota nem seca quando seu sangue fecunda a terra.

Este mundo que Você descreveu não é resultado de certa fatalidade?

Não. Não é resultado de fatalidade. As desigualdades e as injustiças são obra do homem e de seu egoísmo. Esta injustiça estruturada e institucionalizada é responsabilidade destas anônimas e sinistras corporações multinacionais, destes dois colossos industriais e potências políticas. Mas estas corporações e estes Estados têm no homem e, em muitos casos, nos cristãos, seus fundadores, seus promotores, seus submissos clientes.

DIMENSÕES

FUNDAMENTAIS DE UMA COMUNIDADE RELIGIOSA

*Precisamos em nossas comunidades de pessoas
que se possam expressar
e manifestar no grau de sua própria
evolução, de pessoas desabrochadas,
de pessoas integradas e com grande unidade interior.*

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

Ex-Presidente da CRB Nacional

Introdução

Mais do que em outros tempos, a **COMUNIDADE** é hoje urgente na vida religiosa. Fomos pouco preparados para o tipo de Comunidade de que hoje necessitamos. Muito mais, porém, do que uma fórmula, uma receita, é inadiável criar e desabrochar em nós o senso, a consciência de Comunidade.

1. Delimitação de Campo

1.1. Não vou partir da **COMUNIDADE** vista sociologicamente, nem pretendo apontar algum modelo sociológico mais válido ou menos. É grande o pluralismo de nos-

sas **COMUNIDADES RELIGIOSAS**. Maior ainda o das comunidades de Igreja e de mundo, nas quais se inserem as nossas. Acho por isso muito difícil, tentar hoje, como se fez há 20 anos, pela metodologia científica e pela sociologia, apresentar protótipos de comunidade ideais.

1.2. Tão pouco quero focalizar o ângulo **Fenomenológico**, isto é, tipos concretos de comunidades religiosas que hoje existem e que, eventualmente, nos pudessem parecer mais sugestivos como elementos de amostragem, a serem estudados e seguidos. Com uma visão nacional de como se configuram muitas das comunidades religiosas das mais diversas Congregações do Brasil, vejo o risco de sublinhar ou fixar exemplos ou modelos. Vale frisar que muitas comunidades religiosas no Brasil sentem forte o problema. Bus-

Palestra proferida pelo Autor em 1974.

cam, tentam, bem conscientes sempre quanto é difícil este esforço. Por outro lado, a comunidade religiosa vigente, hoje na maioria das congregações e ordens, tem ainda em si vitalidade real para se renovar? É pergunta de muitos. Não focalizarei o que existe ou aparece.

1.3. Abordarei do que a meu ver são dimensões ou elementos imprescindíveis em qualquer comunidade. Restringirei depois o enfoque ao aspecto próprio de **COMUNIDADE RELIGIOSA**.

2. Solidariedade

2.1. Desejaria antes, expressar a Vocês uma convicção profunda. A **SOLIDARIEDADE** entre nós e com os homens é talvez o principal testemunho que o mundo espera de nós. Em meio a tanta divisão e guerra, a tantos conflitos de idéias e de pessoas, a **SOLIDARIEDADE** é, de certo modo, a única massa apta a amalgamar os homens nos momentos decisivos, que os torna capazes de superar as barreiras que os separam ou dividem.

2.2. No anonimato da sociedade atual, sobretudo urbana, no massacre do homem de hoje pelo econômico ou pela falta dele, o homem se tornou tão solitário, que seu grande anseio é encontrar **alguém** no outro homem e sobretudo descobri-lo como **IRMÃO** seu. Não falo em termos de caridade, que é uma dimensão cristã e evangélica, nem mesmo de fraternidade, mas de algo mais primário e mais elementar, de **SOLIDARIEDADE**, simplesmente. Sem esta nenhuma **COMUNIDADE** me parece possível.

2.3. A **SOLIDARIEDADE** se dá entre pessoas, até mesmo entre desconhecidos, independentemente do que sejam estas pessoas em suas diversas qualificações e relações. A **PESSOA** é o elemento e célula fundamental de toda comunidade: da família, do grupo de trabalho, do clube, do grupo social. Muito mais ainda, a **PESSOA** é chave na **COMUNIDADE RELIGIOSA**. Certo de estar tocando um lugar comum mas inevitável, quero frisar **três tópicos** que me parecem importantes ao focalizar a **PESSOA** no contexto da comunidade religiosa.

3. Pessoa

Precisamos em nossas comunidades de pessoas que se possam expressar e manifestar no grau de sua própria evolução, de pessoas desabrochadas, de pessoas integradas e com grande unidade interior.

Vamos comentar um pouco cada um destes aspectos.

3.1. **Pessoas que se possam exprimir e manifestar em seu grau próprio de evolução.** Tendemos não raro a padronizar as pessoas no grupamento humano. Não descobrimos o toque original, nem respeitamos a impossibilidade da repetição de cada pessoa. Quantas vezes nivelamos insensivelmente, por cima ou por baixo, as pessoas que integram o grupo. Nós, religiosos de hoje, estamos também caindo nesta tentação. Como somos na maioria pessoas de média idade, procuramos que os jovens se nivelem por nossa idade. E se não fazem, não servem. A possibilidade de admitir em nos-

sas comunidades a presença concomitante e expressiva, serena e não conflitante, de pessoas de idade e mentalidade diversa não seria a única fórmula de nos garantir a riqueza dos diversos ciclos da vida? O jovem é jovem e o que ele nos vem trazer é a juventude de sua vida. Não temos por que impor-lhe os quadros de nossa idade madura ou senil. Estaríamos cortando-lhe assim a contribuição única que ele como jovem pode nos dar e que nós, por nós, já não podemos ter. Na diversa idade de seus filhos, a família sente muito mais forte do que a comunidade religiosa esta incontornável gradualidade da evolução.

3.2. Pessoas desabrochadas. Quando perguntamos aos jovens de hoje porque prestam o vestibular para esta ou aquela carreira, engenharia, economia, medicina, a resposta vem quase sempre na faixa funcional: para fazer isto ou aquilo, para realizar determinada coisa. No entanto, é imperioso sempre, especialmente hoje, SER e ser MAIS. O desabrochar pleno das pessoas, naquilo que fazem ou independentemente do que fazem, é das maiores tarefas que temos para construir comunidades. É impressionante como pessoas de grandes capacidades funcionais são por vezes extremamente pobres em termos de SER. Parece-nos inegável que em muitas de nossas comunidades religiosas vamos privando as pessoas precisamente desta possibilidade de abertura para que possam desabrochar-se plenamente, ser mais.

Quantas vezes, nós mesmos, na voragem daquilo que se convencionou chamar a "realização pessoal",

buscamos insaciavelmente curso sobre curso, título sobre título, e passamos a vida sem dar a nós mesmos condições e tempo para amadurecer o que SOMOS. Para atingir uma certa plenitude, que é feita muito da sabedoria da vida, e muito mais ainda deste abrir-se constante sobre os outros e para os outros.

3.3. Pessoas integradas. Verificamos hoje no mundo a exacerbação do conflito. E a comunicação intensa através dos grandes meios nos põe constantemente diante do que discrepa, do que distoa, do que é anormal. Isto nos torna familiar o extraordinário e faz com que percamos de vista o normal e o ordinário. Este conflito se reflete e repercute nas pessoas. Preocupa por isso ver o grande número de religiosos e leigos que sob a ação dos mais diversos impactos e fatores se dilaceram e se desarmonizam interiormente. No entanto, uma COMUNIDADE deveria supor pessoas integradas e seria por si mesma, um dos fatores mais ativos no preservar e enriquecer a integração destas mesmas pessoas. Sem entrar no domínio psicológico e profundo da personalidade, parece-me fundamental para esta unificação interior que nos integra a clara consciência e aceitação do que somos. Uma visão muito real de nossos valores e também de nossos limites. Por certo, não uma visão estática e fixista. É claro que os valores que temos podem aperfeiçoar-se e atingir expressões notáveis. Os limites também em não poucos casos, serão superados de modo pedagógico e construtivo num esforço perseverante e esclarecido. Mas em cada momento da vida, tomado em si mesmo, nós

mesmos defrontamos sempre em nós com valores e limites, com riqueza e pobreza pessoal, numa tensão permanente e inegável. Tentar a serena integração de tudo isto conduz à paz, à unidade interior da pessoa, à tranqüilidade e equilíbrio global de sua visão sobre si e sobre o mundo. Esta paz e unidade interior se traduzem então no gesto, na palavra, no olhar, na atitude total da pessoa. São essas as pessoas que realmente nos fazem bem. Essas as que nos marcam pelo que SÃO, mesmo que tenham pouco talvez a nos oferecer.

A força da harmonia pessoal é irresistível no contacto e na comunicação interpessoal. Mas isto supõe uma enorme docilidade de nós a nós mesmos e à ação da vida sobre nós. Isto exige uma coerência de quem não pretende vender-se por aquilo que não é.

3.4. Uma das maiores barreiras, penso, na intercomunicação dos religiosos em comunidade, foi certamente a esta espécie de reserva anônima e estratificada em que vivemos. Pouco nos conhecemos e o que demos a conhecer de nós mesmos foi não raro o que queríamos ser e não propriamente o que éramos. Sustentamos assim, anos a fio, uma falsa imagem de nós mesmos. Aceitamos por outro em paz a falsa imagem que os outros de si mesmos nos vendiam.

A grande chance de uma COMUNIDADE será a transparência de seus membros uns aos outros. Uma revelação sem timidez daquilo que somos e uma honesta e leal comunicação do que não somos. Esta

abertura exige certamente a queda de muitas fronteiras que fomos delimitando na vida religiosa, uma série de reservas, de disfarces e formas de isolamento, toda uma arte de duplicidade e do formalismo que foi matando em nós a capacidade de uma real comunicação entre nós. Para algumas comunidades que se redescobriram na riqueza transparente da comunicação o que disse acima há de parecer superado e absurdo. No entanto, para um grande número de comunidades religiosas, isto é ainda o quotidiano.

3.5. A característica individualista que primou tanto em nossa formação religiosa marcou-nos sem dúvida para a vida. É um vinco que dificilmente perdemos e que se nos torna gritante, quando entramos em contato com leigos disponíveis, abertos e serviçais. Os religiosos que conseguiram desvincular-se desta perspectiva individualista têm no mundo de hoje, sobretudo entre os jovens, uma chance evangélica extraordinária.

No contato e confronto profundo a um tempo desarmado o crítico, entre as pessoas, eles sentirão quanto os outros presentes a nós assim, são decisivos para que cresça em cada um de nós a PESSOA. Onde se quiser ter comunidade, esta transparência, aberta e generosa, de pessoas entre si, gradualmente evoluídas, desabrochadas e integradas, representa uma exigência. Falo naturalmente de um ideal, e nada fácil, mas a ele deveríamos tender. Quanto mais nos aproximarmos, tanto melhor conseguiremos realizar entre nós COMUNIDADE. Isto que aqui digo vale basicamente para toda

COMUNIDADE, para a família, para o grupo de trabalho, mas, de modo prioritário para as **COMUNIDADES DE VIDA**.

4. Comunidade Religiosa

Vamos concentrar-nos agora diretamente sobre a **COMUNIDADE RELIGIOSA**. Sua característica e novidade é ter o seu ponto de apoio na **FÉ**. A **COMUNIDADE RELIGIOSA** deve ser uma comunidade de pessoas que crêem e crêem de um modo tão existencial pelo dom de Deus nelas que, de fato, juntam suas vidas numa vida de profissão desta **FÉ** e de serviço **ÀQUELE** em que crêem: **DEUS** e, concretamente, o **DEUS** de **JESUS CRISTO**.

4.1. Sobre isto é de capital importância que tenhamos uma grande clareza e definição. A comunidade religiosa não é primordialmente um ambiente de convivência, onde se encontram amigos e pessoas afins, levando uma vida como a de uma família ou a de um grupo de pessoas, rapazes ou moças antes do casamento, homens e mulheres que não se casaram. Muitas crises na vida religiosa, sobretudo recentes, partiram de um enfoque falso da **COMUNIDADE**. Nela se havia posto uma esperança quase mágica, traída, porém, pela indefinição da originalidade da **FÉ** como alicerce desta mesma comunidade.

Por outro lado, a carência de uma **FÉ** profunda, como dimensão primeira da **COMUNIDADE**, tem esvaziado e esterilizado comunidades tradicionais. A vida religiosa de seus membros sobrevive pelo heroísmo de alguns ou pela mediocrida-

de de muitos. Heroísmo dos que transcendem a situação e a superam na intensidade de uma **FÉ** pessoal quase sempre alimentada por uma grande consciência da tarefa de serviço a Deus e aos outros nesta mesma **FÉ**. Mediocridade de muitos, que se acomodam e preferem mesmo uma **COMUNIDADE** ou pseudo-comunidade, que no anonimato do relacionamento, lhe garante os alibis da ambiguidade.

4.2. **A comunidade religiosa como comunidade de fé** deve embeber-se toda ela à experiência de Deus, no contato com Deus, na vivência de Deus, na possibilidade de ter Deus como **alguém** muito personalizado. Nosso grande problema e risco é o de tratarmos a fé como puro elemento racional e intelectual. Algo semelhante acontece com as aulas de religião. Damos um conteúdo doutrinal e vinculamos a esse conteúdo uma experiência de fé, como se fossem conversíveis, as duas coisas. Esta vinculação é abusiva. Posso saber muito sobre a fé e não ter fé. A fé é algo que transcende o limite do puro racional. Engloba o homem todo, no sentido bíblico do termo. É o homem todo que crê, com sua inteligência, seu coração, sua vontade, sua vida total, com tudo aquilo o que ele é. Isto constitui um dado fundamental na vida religiosa que se explica pela fé e somente sobre a fé se baseia. Se toleramos aqui um certo comprometimento com uma visão de fé não vivida e não conseqüente, chegamos a levar essa ambiguidade para a nossa vida e para nossa ação apostólica. Não há então qualquer esperança sólida de vivência religio-

sa entre nós que resista ao olhar crítico de um mundo que se racionalizou e se tecnificou.

4.3. Por outro lado, para a pessoa que tem esta fé ela se torna existencial e lhe atinge todo o ser. A fé cresce com a pessoa. E a pessoa cresce constantemente na novidade das situações de cada dia, desafiada de modo permanente e tentada a fundo no seu confronto vital entre a experiência de Deus e a experiência do mundo, uma em função do outro, mas não raro tão conflitantes nos seus apelos e nas suas exigências. O crescimento na fé supõe por isso mesmo uma revisão crítica e constante desta mesma fé. Nós que temos anos de vida religiosa respondemos a Deus hoje de um modo bem diferente de como o fizemos em outros tempos. O grande equívoco de muitos religiosos, principalmente dos que tendem a uma posição fixista sobre a vida religiosa e sobre suas formas é pensar que seja possível parar no tempo a experiência de Deus e a sua tradução vivencial no mundo, sobretudo na vida religiosa.

Não é possível, porque estamos inseridos neste mundo. Ele se transforma sempre, hoje sobretudo, numa incontida aceleração. Mas transformou-se também ao longo da História. A vida religiosa eremítica, cenobítica, monástica, mendicante, clerical, devocional e operativa são apenas pulsações institucionais ao longo dos séculos de uma vida religiosa que efetivamente se foi transformando.

4.4. A fé no Deus vivo não pode ser senão dinâmica, porque nunca o

que vive é estático. Nós cremos no Deus eterno. Mas Ele falou, de fato, e continua a falar na História. E não só na História da Salvação, que perpassa a história do HOMEM, mas na história pequena e singular de cada um de nós. Em cada um Ele retoma e recapitula a História da Salvação. O que nós não raro pretendemos fazer é compelir a Deus a restringir-se de modo exclusivo à Sua dimensão eterna. É não aceitar que Ele mesmo tenha querido entrar na dimensão do tempo, conosco, em Jesus Cristo. Forçamos Deus a um modelo fixo, que, de certo modo, nos assegura a nós e, na verdade, nos instala. Um Deus que não nos questiona, que não nos pergunta, que não nos desafia, que não nos deixa nunca perplexos e atônitos, que nunca exige de nós tempo para assimilar ações e situações para nós são de fato, incompreensíveis. Este é um Deus estático, feito sob a nossa medida e à nossa imagem e semelhança. Este Deus não é Deus. Sua morte só pode preparar a revelação e a presença do verdadeiro Deus.

4.5. Do Deus que a Revelação nos apresenta, no Antigo como no Novo Testamento, Ele sim, interpela, questiona, desafia, exige do Seu povo e dos Homens com os quais se comunica mais de perto. Esta é a grande mensagem da Escritura. Se confrontamos a Bíblia, como expressão idealizada da História da alma de um povo conduzido pelo verdadeiro Deus, com os documentos literários de outros povos, chama-nos a atenção esta vitalidade constante da modificação interna do povo eleito como povo. E mais ain-

da, a intraduzível experiência crescente de Deus num Abraão e Jacó, num Moisés e Davi.

Um Deus que os chama, os sacode, os abate, os transforma, os vivifica, mas sobretudo a eles Se revela sempre novo, sempre surpreendente, sempre imprevisível e sempre em função da missão para a qual os escolheu junto ao seu povo.

4.6. A experiência do Deus vivo e difícil, do Deus buscado na pobreza e na penumbra do que somos, do Deus confrontado com os problemas do mundo que nós não entendemos, do Deus adorado na incerteza de ser mesmo o Deus que realmente é, do Deus dos pobres que somos nós, sem qualquer pretensão de explicá-lo, de exauri-lo mas na disposição de amor de aceitá-lo como Ele se revela, deveria ser a experiência fundamental de uma **COMUNIDADE RELIGIOSA**. Inserida no mundo e por ele marcada por estar a serviço dele, a comunidade buscaria dia a dia ler nos homens, no mundo e nos acontecimentos, esta espécie de Bíblia permanente — como conhecer Deus de modo claro, como amá-lo de modo mais profundo, como traduzir aqui e agora a sua pureza de sempre.

4.7. Creio aí um caminho de grande integração de nós mesmos, Ele nos faz felizes e nos leva a traduzir ao mundo esta alegria íntima de sermos religiosos porque cremos assim no Deus que vive. A possibilidade de ser alegres por dentro e de transmitir-nos essa alegria na dimensão da caridade, que é a expressão cristã da solidariedade, permite que

cheguemos a ser **COMUNIDADE RELIGIOSA**. A experiência de Deus em nós e o respeito pela experiência de Deus no outro, nos dá uma profunda humildade diante do nosso Irmão e uma sincera abertura em face dele.

5. O Ritmo de Deus

5.1. O senso de Deus na história da salvação e na história da pessoa, de cada pessoa, nos leva ainda a descobrir na fé um grande elemento de vida: **o ritmo de Deus**. Isto é difícil de traduzir em palavras e seria de fato necessário ter tempo, para aprofundar. Mas é certo que só muito lentamente, nós descobrimos o ritmo de Deus.

E é por isso que um eventual protótipo sociológico de comunidade quase nunca se poderia compagnar com a índole de comunidade que devemos buscar na vida religiosa. Por outro lado, é isto precisamente que nos obriga a ter na própria comunidade religiosa uma imensa flexibilidade, porque ela deve ser conduzida, em cada pessoa e no grupo todo, pelo ritmo do espírito. Isto torna de fato irrepetível o mesmo modelo de uma comunidade para a outra, como não se repetem as pessoas que a compõem. Mas isto mesmo conota a responsabilidade de cada Comunidade Religiosa de ela buscar, de ela descobrir, pela força do Espírito Santo, nela a sua vida própria, o ritmo em que ela deve pulsar. Supérfluo dizer em que grau de profundidade está implícita e subjacente e exigida aqui a experiência de Deus e o crescimento da fé em cada um.

5.2. Esta mesma experiência, quando **intercomunicada**, se constitui hoje no elo talvez mais profundo que torne viável a edificação de uma **COMUNIDADE RELIGIOSA**. A comunicação espiritual foi tão viva em outros tempos. Não deveríamos nós valorizá-la hoje muito mais num mundo marcado pela comunicação? É a partilha da experiência de Deus por nós com os nossos irmãos. Ela é o complemento necessário quase da participação de nossa experiência humana, numa transparência tão total quanto possível, embora respeitosa sempre do insondável mistério de cada um e da intraduzível privacidade que lhe deve ser sempre garantida.

5.3. Por que nas tentativas de renovação tantas orações comunitárias fracassaram? Porque simplesmente mudamos o registro da oração vocal em grupo ou da oração individualista a não ser aqui confundida com a oração comunitária, sem passarmos nós pela conversão pessoal a Deus e aos outros homens, e sem por isso mesmo partilharmos a experiência de Deus com nossos irmãos, nós nos encontramos sem palavras. Ou então, com uma tal carga de formalismo, de expressões feitas, de clichês espirituais, que sentimos vergonha de nós mesmos.

O que não conseguimos foi intercomunicar algo de mais profundo. Ou tivemos receio de traduzi-lo ou a certeza do que se o traduzíssemos, iríamos revelar aos outros nossa imensa pobreza na experiência do Senhor. Preferíamos então ou falar, vestindo bem o que falávamos sem ressonância interior, ou sim-

plesmente silenciar. Por isso fracassou tanto nas Comunidades uma autêntica oração comunitária. Vocalizamos nossa oração e tentamos no fundo dar-lhe uma embalagem melhor.

5.4. Mas não intercomunicamos nossas PESSOAS, em transparência profunda naquilo que é a experiência de Deus. Se chegássemos a isso, teríamos a base fundamental para fazer de nossas comunidades, **COMUNIDADES**. Ainda que cada um de nós trabalhasse num lugar. Mesmo que nossos horários não nos permitissem uma coincidência frequente. Ainda que houvesse entre nós, como pessoas, diversidades relevantes, teríamos, nesta partilha, com todas as suas conseqüências, o sangue comum que permite aos filhos de uma mesma família identificarem-se como tais, ainda que sejam diversos e vivam distantes uns dos outros. Enquanto isto não acontecer continuaremos a viver juntos, mais ou menos justapostos, numa relativa coincidência de tempo e de espaço. Em alguns casos, haverá o apoio e sustento de uma simpatia e amizade, maior ou menor. É um dado, aliás, importante a ser valorizado vivamente entre os membros de uma comunidade sadia. Mas, se o horizonte desta amizade não atingir a partilha da comum amizade ao Senhor, acabaremos questionando-nos nós mesmos sobre o sentido da nossa própria convivência.

Conclusão

Tudo o que está dito é tão difícil... Pode parecer até mesmo irrealizável. De fato, é verdade que

sulcou muito a consciência de não poucos o estigma de arbitrariedades vividas e ambiguidades experimentadas, a incoerência interna nossa e de outros, também a alienação com relação ao mundo, a instalação confortável dos modelos fixos, a escravidão formal à letra de textos, mas sobretudo a mentira lavrada, que tantas vezes nos arvora em servidores de Deus e dos homens, quando nós sabemos que conduzimos tanto ao serviço de nós mesmos e do grupo a que pertencemos.

E, contudo, no mundo secularizado em que vivemos, no momento histórico da vida religiosa e da vida

da Igreja neste mundo, a revitalização da comunidade nestes termos que apresentamos seria a nota talvez única e, por certo, muito exigente, mas profundamente original, que viria a traduzir nossa contribuição de homens de hoje para a vida religiosa de todos os tempos. A experiência de Deus vivida pelo dom do Espírito e partilhada na transparência de uns aos outros, tem conseqüências de tal modo ineludíveis que torna possível, pela força do mesmo Espírito, a certeza de uma esperança irreduzível e a responsável consciência de ser esta a missão de nossa vida.

Uma dura verdade

Nosso mundo está ameaçado de dois espectros gêmeos:
a pobreza e a guerra

O que é Comunidade Eclesial de Base (CEB)?

Respondo com lealdade. Examine se Você pode abonar. A **Comunidade Eclesial de Base** é um movimento e um processo de personalização da fé e de integração orgânica do laicato. Não é preciso ser profundo sociólogo, basta ser observador atento, para perceber a permanente diminuição do clero e o desaparecimento de ambientes que tinham uma função tradicional de transmitir valores cristãos de geração em geração. Hoje a Igreja se vê confrontada com a necessidade de obter de cada fiel uma convicção pessoal, uma convicção que independe do ambiente. Esta personalização da fé, esta integração orgânica do laicato estão gerando o aparecimento, em nível do consciente, de uma urgente necessidade de coerência entre as práticas religiosas, as práticas éticas, as práticas políticas. A **Comunidade Eclesial de Base** é esperança de uma Igreja renovada a partir das bases.

PELAS REGIONAIS

Aspectos do serviço da CRB aos Religiosos. O variado colorido de fatos e acontecimentos da animação da Vida Religiosa. Incentivo para sensibilizar e despertar em dimensões nacionais o que acontece em termos regionais.

Pe. Celso Sehn, MSF

Rio de Janeiro, RJ

Regional de São Paulo

Vida Religiosa. No decorrer deste ano, no Colégio Irmã Margarida em São Paulo, foram realizados com pleno êxito, dois cursos de Reciclagem de Vida Religiosa, com duração de um mês em regime de semi-internato. Foram coordenados pela Ir. Alexandrina, FMA. Destinaram-se a religiosas da faixa dos 30 a 50 anos de idade. Oportunizaram aos participantes uma revisão dos estudos, hoje atualizados, tais como: 1. Psicologia da Vida Religiosa pelo Ir. Laurindo Trombeta, FMS. 2. Teologia da Vida Religiosa pelo Pe. José Belmiro de Mello, SVD. 3. Sagrada Escritura pelo Pe. Ivo Storniolo, do Instituto Teológico de São Paulo, ITESP. 4. História da Igreja no Brasil e na América Latina pelo Prof. Riolando Azzi. 5. Moral pelo Pe. Márcio Fabri dos Anjos, CSSR, do ITESP. 6. Preparação para Puebla pelo Pe. Pasqual Filippel-

li, SDB, Secretário Executivo da CRB/SP. 7. Espiritualidade pelo Pe. Jermano Van der Moer, SVD.

Seminário de Saúde. Teve por local a sede da CRB Regional. Ocorreu de 5 a 13 de maio. Contou com 49 participantes frutivos, sendo 43 religiosos e religiosas e 6 leigos. Participaram como convidados: Pe. Júlio Munaro, MI, (do GTS Grupo de Trabalho da Saúde da CRB Nacional) e Vitória Secof, enfermeira, Presidente do COREN de São Paulo.

O Seminário contou com os seguintes conferencistas: Pe. Niversindo Antônio Cherubin, MI, Pe. Alfonso Pastore, MI, Ir. Cecília Bhering, FC, do GTS da CRB/Nacional, Dr. Ernesto de Lima Gonçalves, Prof. Dr. Pedro Calil, Dra. Albertina Takinte, Maria Isabel B. da Rocha Rodrigues, Pe. José Eduardo Augustini, Pe. Ivo Gelain, MI,

Ir. Josefina Rainieri, Dr. João Caetano, Dr. Júlio César R. Pereira e Hildegard Bromberg Richter.

O Encontro foi coordenado pelo Pe. Pasqual Filippelli, SDB, Secretário Executivo, Ir. Maria Vicentina de Freitas, Pe. Ivo Gelain, MI, Maria Othilia Meiners, Ir. Maria Selza Fing e Ir. Cecília Baering.

A programação básica desenvolvida durante o Seminário obedeceu à seguinte temática: 1. Situação sócio-econômica de São Paulo. 2. Plano de Saúde para o Estado de São Paulo. 3. O Hospital, hoje. 4. Previdência Social. 5. Engajamento dos Religiosos na área de Saúde. 6. Troca de Experiências. 7. Demografia. 8. Aspectos Étnicos, Painel. 9. Medicina Preventiva. 10. O Religioso, sua presença profética, e sinal de esperança no Campo da Saúde. 11. Pistas para a Ação-Perspectivas.

Encontro Anual de Noviços. O primeiro realizou-se no início do ano, contando com a participação de 17 Congregações femininas e 3 masculinas, num total de 83 noviços e mestres. O Encontro teve a seguinte programação: 1. Psicologia a cargo de Joreny N. Dedi e de M. Regina Volpe. 2. Liturgia dos Sacramentos pela Ir. Gabriela Spirandio das Pias Discípulas do Divino Mestre. Na última semana do mês de agosto, realizou-se outro encontro nos mesmos moldes do primeiro.

Encontro Vocacional. Realizado no primeiro semestre, em São Paulo, participaram 100 promotores Vocacionais religiosos, de 46 Congregações: 36 femininos e 10 mas-

culinos. Foram abordados os seguintes temas: I. Psicologia: Pe. Victor Hugo Lapenta, CSSR, versando estes aspectos: Opção Vocacional um comportamento humano; Maturidade e opção vocacional; Estágios do crescimento religioso. II. Novos Ministérios na Igreja pelo Pe. Antônio Silva, CSSR. III. Núcleo Central de discernimento vocacional: Eclesialidade de Medellín a Puebla pelo Pe. Pasqual Filippelli, SDB. IV. Troca de Experiências. O Encontro teve a duração de 3 dias.

Dia de Oração para Noviços e Junioristas. Costuma realizar-se de dois em dois meses. O primeiro foi coordenado pelo Frei Patrício, Carmelita Descalço e pela Ir. Maria Aparecida Nunes Ferreira, FMA. Contou com a presença de 125 participantes. O tema abordado foi "A Oração".

Psicologia e Vida Religiosa. Este curso realizou-se de 24 a 26 de julho para Coordenadores de Comunidades. Foi levado a efeito pela Equipe de Psicólogos da Regional.

Regional de Salvador

Com o objetivo precípua de animar e promover a Vida Religiosa, esta Regional, no decorrer deste ano, realizou as seguintes atividades:

1. **Curso** para religiosos que vivem em comunidades de base, com a duração de 4 dias. O tema focalizado e aprofundado foi a PALAVRA. Contou com a participação de 46 Irmãs e foi coordenado e orientado pela Ir. Ana Agostinho Roy.

2. Encontro dos Núcleos Diocesanos, com a duração de 2 dias. Foram analisados os objetivos e prioridades sobre o **SEGUIMENTO DE JESUS**. Chegou-se à conclusão da necessidade de um estudo profundo da pessoa de Jesus Cristo, baseado na Exegese Moderna e a necessidade da análise da realidade, para entender a encarnação do Senhor no hoje da História.

3. Retiros. Este aspecto da reorientação da vida espiritual está sendo assumido por um grupo de 18 religiosos. O tema de estudo para levar avante o projeto é: As Adições do Livro dos Exercícios de S. Inácio.

4. Encontro de Formadores. É realizado mensalmente, com a participação de 17 formadores. A partir destes encontros sentiram a necessidade de um curso de aprofundamento para estudar aspectos importantes da formação. Este curso foi projetado para 3 etapas, para um total de 30 pessoas, em regime de internato, nos quais serão desenvolvidos estes temas: Antropologia Cristã, Teologia da Vida Espiritual e Teologia da Vida Religiosa.

5. Encontro da Diretoria da AEC com a CRB. Do contato inicial para troca de experiências nasceu a necessidade de um trabalho mais integrado e de maior intercâmbio.

6. Visitas aos Núcleos. Os 18 núcleos da Regional, são visitados periodicamente pelo Secretário Executivo.

7. Pastoral de Saúde. Através do encontro dos representantes do Nú-

cleos foi organizado o II Seminário da Saúde.

8. Curso para Novços. Foram realizados dois. Participaram 22 novços: 13 masculinos e 9 femininos de 3 congregações masculinas e 4 femininas.

9. Encontro de Superiores. No primeiro encontro participaram 56 superiores das 71 comunidades religiosas de Salvador. Foi orientado por Dom Tomás Guilherme Murphy, Bispo auxiliar de Salvador. Em sua conferência discorreu sobre a compreensão da autoridade hoje, aspecto do relacionamento na comunidade e a missão da superiora junto à Comunidade em ação. Para o ano em curso estão previstos mais 2 encontros desta natureza.

10. Confraternização dos Religiosos. Consistiu num dia de descanso e recíproco conhecimento numa casa de praia. Estiveram presentes 78 irmãs. Ao final do dia tiveram um encontro com o presidente da CRB Regional, Pe. Dionísio Sciuchetti, SJ, que explanou os pontos mais importantes tratados em Itaici sobre regiões missionárias.

11. Área da Educação. Trinta religiosos docentes refletiram durante um dia sobre o tema: **A Justiça e os Religiosos na Rede do Ensino Oficial.** Foi um exame sobre a presença dos religiosos na área da educação pública e particular.

12. Seminário para Superiores. Realizou-se em Aracaju. Teve a duração de 4 dias. Estiveram presentes 30 superiores de comunidades da Capital e do Interior de Sergipe.

Aprofundaram 3 aspectos: Aprofundamento teológico do sentido da autoridade na Igreja e na Vida Religiosa. Diálogo espiritual e a terapia, maturidade afetiva; transferência no relacionamento. A superiora no discernimento da missão do grupo apostólico: o guia na missão. O encontro mostrou a importância que os assuntos têm para todas as encarregadas de conduzir a comunidade.

13. Algumas prioridades para o momento. Fomentar e estimular a animação da Vida Religiosa nos Inter-núcleos para evitar a dispersão geográfica dos núcleos, com vistas de criar uma consciência de intercâmbio e complementação de forças. Estimular a Equipe de Reflexão sobre Vida Religiosa, para que encontre o seu sentido e seu serviço neste contexto de Vida Religiosa. Montar um curso para Formadores, com a finalidade de responder aos anseios dos Mestres e Mestras de Noviços.

Regional do Paraná

Encontro Vocacional. A CRB Regional em conjunto com o Regional Sul II da CNBB realizou o XII Encontro Regional de Pastoral Vocacional, com duração de 4 dias. Contou com a presença de 160 participantes representantes de todas as Dioceses do Paraná e de outros Estados do Brasil.

Estiveram também presentes: Dom Geraldo Fernandes, Arcebispo de Londrina, Dom Domingos Wisniewski, Bispo Auxiliar de Curitiba e Dom Geraldo Pellanda, Bispo de Ponta Grossa.

O Encontro teve por objetivo estimular a integração de todo o trabalho vocacional e a Formação nas Dioceses, Congregações e Seminários. Houve o estudo e apreciação de 2 ante-projetos: um Guia Pedagógico para Promotores Vocacionais e Formadores e uma Catequese Vocacional constituíram-se no programa de ação dos congressistas. Como valor do encontro ressalta-se a troca de experiências entre as Equipes Vocacionais Diocesanas. Conseguiu-se a integração das atividades e sobretudo um entrosamento nos critérios de ação para que também a Pastoral Vocacional seja de conjunto, tornando-se assim ação de toda a Igreja.

Curso de Cultura Religiosa. Com duração de 3 dias, destinados ao juniorato. Teve por objetivo proporcionar aos jovens religiosos um aprofundamento na fé e uma experiência vivida com intensidade, desejando despertar um compromisso, cada vez mais radical, com a Igreja, segundo o carisma de cada Congregação.

Os temas abordados foram: Experiência de vida através da dinâmica de grupo e aspectos importantes da personalidade do ser religioso, pela Ir. Marlene Rosa, FC. Ir. Luiz Artigas, FMS, abordou o tema Cristologia, focalizando Cristo pobre sob a luz da Sagrada Escritura.

O tempo restante foi enriquecido pela coordenação da Ir. Rosarita Wibbelt, DP, e o Pe. Tomaz Hughes, SVD, que o aproveitaram para que o grupo vivesse tempos de oração, de convivência fraterna e de distensão e lazer. Estavam presen-

tes os sacerdotes mestres e as mestras à disposição dos participantes para conversa e orientação espiritual.

O curso vem acontecendo desde 1969. No planejamento do corrente ano tem seu lugar previsto de dois em dois meses. No encerramento houve uma avaliação e celebração eucarística, pelo Presidente da CRB, Pe. Ladislau Biernaski, CM.

Congregações presentes: Filhas da Caridade, Divina Providência, Felicianas, Missionárias Servas do Espírito Santo, S.C. do Verbo Encarnado, Sagrada Família de Nazaré, Franciscanas de Siessen, Missionárias Xaverianas, Beatíssima Virgem Maria, São José de Chambéry, Mensageiras do Amor Divino, Redentoristas, Sociedade do Verbo Divino, Oblatas de São José, Franciscanas da SS. Trindade, Franciscanas de São José, Missionárias de S. João Batista e Filhas da Cruz.

Noviciado Intercongregacional. O Noviciado da CRB-PR está no seu 8º ano de existência. Conta no corrente ano com 64 Noviços(as) pertencentes as seguintes Congregações: Irmãs Felicianas, São José de Chambéry, Missionárias da Sagrada Família de Nazaré, Missionárias Xaverianas, Marianas, Franciscanas da SS. Trindade, Servas de Maria, Capuchinhas, Mensageiras do Amor Divino, Filhas da Caridade, Divina Providência, Sagrados Corações, Missionárias de São João Batista, Missionárias Combonianas.

Retiro Intercongregacional. Foi realizado em Curitiba, no Colégio Madalena Sofia de 3 a 7 de julho. Foi coordenado pela Equipe de Ora-

ção da CRB sob a responsabilidade direta do Pe. Mário Tésio, OSJ.

Seminário da Saúde foi realizado de 4 a 8 de julho, na Casa de Retiro do Mossunguê, aberto aos religiosos e leigos que se dedicam à Saúde.

Regional de Manaus

Área da Saúde. Informa a Ir. Yara Magalhães, SSD, Secretária Executiva, que a CRB Regional de Manaus compôs o seu grupo de Trabalho da Saúde. O grupo é integrado pelas religiosas: Ir. Ana Ruiz Fernandez, FMM, Ir. Marta Barbosa, FC, Ir. Esperança Salarin, MDI, Ir. Ruth Moura, FMM, Ir. Fernanda Pia, FMM, Ir. Maximila Marinho de Carvalho, Filha de Sant'Ana e Ir. Terezinha Mendes dos Santos, SSD.

Seminário de Saúde. Contou com 34 participantes, representando 12 localidades diversas. O estudo do encontro girou em torno do tema: "A Preocupação com a saúde do povo como aspecto obrigatório da Pregação do Reino". Esteve representando o G. T. S. da CRB Nacional o Pe. Velocino Zortéa. No desenvolvimento dos trabalhos colaboraram a Ir. Helen Dolores Schneider, ASC, Diretora Executiva do Instituto de Filosofia e Teologia de Manaus (CENESC), membros da SESAU, SEDUC, INAMPS, LBA, sob a coordenação geral da Ir. Yara Magalhães. Na avaliação final constatou-se que seja realizado anualmente um seminário e seja aberto aos "ministros da saúde".

Área da Educação. Houve um primeiro encontro no dia 3 de agosto com religiosos do campo educativo com vistas a formar, um grupo de trabalho sobre educação com a finalidade de ajudar os religiosos das Congregações, cujo carisma específico é o ensino.

Regional de Mato Grosso

Encontro de Pastoral da Saúde. Foi coordenado pelo Frei Patrício Salmon, Presidente da CRB Regional. Teve a duração de 2 dias. Os temas abordados foram: Novos Enfoques em relação à saúde pela Ir. Cecília Bhering, FC. Realidade de Campo Grande em relação à saúde pelo Dr. Alfredo Pinto, Secretário da Saúde de Mato Grosso.

Relação de Experiências no Campo da Saúde pelos participantes. Estabelecimento de metas e prioridades para a Regional no Setor. Eleição da Equipe Regional de Saúde, formada pelas seguintes religiosas: Ir. Folarina, FC, Ir. Ana Maria Leal, FC, Ir. Ana Maria Dan, Vicentina e pela Ir. Otília, Vicentina. Houve grande interesse dos participantes. Os objetivos propostos foram alcançados.

Retiro sobre as Bem-aventuranças. Orientado pelo Pe. Roque Zimmermann, MSF, na sede do Irpamat, com duração de 5 dias e com participação de muitos religiosos.

Curso de Psicologia da Fraternidade. Ministrado pelo Frei Urbano Plentz de 14 a 19 de agosto, na sede do Irpamat.

Regional de Fortaleza

Atividades. Dia 2 de agosto houve reunião da Diretoria da CRB com as Superiores Maiores. De 8 a 10 de setembro realizar-se-á a Assembléia Regional, no Cenáculo em Fortaleza. O tema central de reflexão será **A Eucaristia**, em preparação ao Congresso Eucarístico Nacional de Fortaleza. O tema será explicitado pelo Pe. Maucyr Gibin, Sacramentino. Dia 6 de outubro haverá reunião da Diretoria com os Superiores Maiores no Centro Vocacional. De 17 a 20 de outubro haverá Encontro das Diretorias e Executivos Regionais do Nordeste, em Icarai.

Curso. Promovido pela CRB Regional de Fortaleza, foi realizado de 24 de agosto a 6 de setembro de 1978 um curso para Religiosos e Religiosas sobre a **Teologia da Eucaristia**. O curso teve por objetivo preparar os religiosos para orientar suas obras em preparação ao Congresso Eucarístico Nacional de julho de 1980.

Retiro Intercongregacional. De 23 a 28 de julho, no Cenáculo de Fortaleza. O Pe. Maucyr Gibin, dirigiu um retiro, que teve por tema a Eucaristia na Vida Religiosa.

OS INSTITUTOS RELIGIOSOS NO BRASIL DURANTE A ÉPOCA IMPERIAL

Em meados do século passado, durante a época imperial, a situação dos institutos religiosos no Brasil era bastante precária. A crise da vida claustral assume diversos aspectos, entre os quais: procura de bem-estar e comodismo, ostentação e luxo nos conventos, relaxamento da disciplina, mundanismo, falta de vida comum, privilégios e exceções.

Riolando Azzi

Rio de Janeiro, RJ

O período imperial, que vai de 1822 a 1889, é bastante significativo para a compreensão da história dos religiosos do Brasil. É basicamente um período de crise: de um lado, nota-se a decadência do antigo modelo de Igreja-Cristandade, de caráter lusitano, implantado desde o início da época colonial, e de outro, o esforço inicial dos bispos reformadores para implantar no Brasil o modelo de Igreja-Tridentina, de inspiração romana (1).

Com a decadência da Cristandade colonial, entram também em crise e decadência as antigas Ordens Religiosas que atuaram nos três primeiros séculos da história religiosa do Brasil (2). O episcopado brasileiro porém, ao implantar a reforma católica, procura apoiar-se em no-

vos institutos religiosos que são trazidos para o Brasil durante o segundo Reinado (3) ou nos primórdios da era republicana (4).

Este estudo quer apresentar uma visão geral da vida religiosa em meados do século passado, baseada fundamentalmente em dados estatísticos. Limitaremos este artigo às Ordens e Congregações Religiosas do sexo masculino, deixando para um estudo posterior os institutos religiosos femininos.

Os dados estatísticos foram coligidos da excelente obra de Cândido Mendes de Almeida, **Direito Civil Eclesiástico Brasileiro**. A partir desses dados estatísticos, faremos uma apreciação geral da vida religiosa na época imperial.

I — VISÃO GERAL DA VIDA RELIGIOSA NO BRASIL NO SÉCULO XIX

Durante a época imperial o Brasil estava organizado eclesiasticamente em doze dioceses. É a partir dessa organização eclesiástica que Cândido Mendes apresenta seus dados estatísticos que se encontram esparsos ao longo do segundo volume, do tomo primeiro.

1. Arquidiocese da Bahia

A Bahia é a diocese mais antiga do Brasil, criada em 1551. Durante a época imperial era a única arquidiocese existente no Brasil.

Os institutos religiosos estabelecidos na arquidiocese eram os seguintes:

Ordem de São Bento. Com três mosteiros. Segundo o relatório do Ministro do Império de 1862 esses mosteiros tinham a renda anual de 19:000\$000.

Ordem de N. S. do Carmo. Com quatro conventos, sendo um deles pertencente à província de Sergipe. Segundo o relatório do Ministério do Império de 1861 os conventos da Bahia tinham renda anual de 34:752\$000 e o de Sergipe de 378\$000.

Ordem de São Francisco. Com seis conventos, sendo um situado na província de Sergipe. Todos viviam da caridade pública, segundo o relatório do Ministério do Império de 1861.

Comissão Geral da Terra Santa. Com quatro hospícios. Esta Comis-

são se achava sob a direção da Ordem de São Francisco, e tinha por fim arrecadar as esmolas para conservação e culto dos Santos Lugares da Palestina. Na Corte era dirigida por um Comissário Geral, e nas províncias por Vice-Comissários e os respectivos esmoleres. Tais informações estão no relatório do Império de 1861.

Ordem dos Missionários Capuchinhos. Com um hospício. Viviam da caridade pública, e de uma diária do Tesouro, conforme consta do Relatório do Ministro do Império de 1861.

Congregação de S. Vicente de Paulo. Com um hospício. Vivia de renda incerta.

E Cândido Mendes, referindo-se aos religiosos existentes na diocese da Bahia, conclui: "O pessoal destas Ordens é incerto, mas não passava em 1857 de 161 religiosos segundo o relatório do Ministério da Justiça" (5).

2. Diocese do Rio de Janeiro

A diocese do Rio de Janeiro foi criada em 1676. Com a mudança de capital de Salvador para o Rio de Janeiro, esta diocese passou a ter grande importância, sobretudo quando o Rio passou a ser sede da Corte. A situação dos institutos religiosos masculinos era a seguinte:

Ordem de São Bento. Com três mosteiros, sendo um na Corte, outro na cidade de Campos, e outro na paróquia de Santo Antônio de Jacutinga. Sobre a renda, afirma Cândido Mendes:

“Ignora-se com exatidão a importância da renda desta Ordem, que aliás é avultada”.

Ordem de N. S. do Carmo. Com três conventos, sendo um na Corte, outro na Província do Rio de Janeiro, e outro na do Espírito Santo; tendo o convento da Corte até 1857 a renda anual de 29:947\$240, e o da província do Rio de Janeiro 1:132\$255.

Ordem de São Francisco. Com nove conventos. Os religiosos viviam da caridade pública. O Rio de Janeiro, como Salvador e São Luís do Maranhão eram as sedes das três províncias da Ordem existentes na época imperial.

Comissão Geral da Terra Santa. Com dois hospícios. O Comissário Geral residia na diocese do Rio de Janeiro, no hospício do município neutro.

Ordem dos Missionários Capuchinhos. Com três hospícios. Os missionários capuchinhos eram governados por um prefeito geral que residia na Corte, no hospício ou convento anexo à igreja de São Sebastião no morro do Castelo, posteriormente demolido. Os outros dois hospícios ou residências situavam-se nas províncias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Os religiosos viviam da caridade pública e de uma diária do Tesouro.

Congregação de S. Vicente de Paulo. Com duas residências. O instituto tem o título de Congregação da Missão, e seus religiosos são conhecidos como padres lazaristas. Estavam sujeitos a um superior que vivia na Corte. Uma das residências ficava na Corte, outra em Santa Catarina. A renda dos religiosos era incerta.

“O pessoal destas Ordens não excedia em 1857 de 78 religiosos, número que deve estar hoje reduzido, visto como o Poder Temporal não permite a admissão de Noviços, talvez com o propósito de extinguir lentamente as Ordens Religiosas”(6).

3. Diocese de Pernambuco

A diocese de Pernambuco foi criada juntamente com a diocese do Rio de Janeiro em 1676. Foram as duas primeiras dioceses criadas no Brasil após a ereção do bispado da Bahia.

Durante a época imperial estavam instalados na diocese os seguintes conventos de institutos religiosos:

Ordem de São Bento. Com quatro mosteiros, sendo três na província de Pernambuco com renda anual de 15:7450150 réis, e um na província da Paraíba com renda anual de 3:362\$000 réis. Os dados são do relatório do Ministro do Império de 1861.

Ordem de N. S. do Carmo. Com seis conventos, sendo três na província de Pernambuco com a renda anual de 393\$000 réis; dois na província de Paraíba com a renda anual

de 205\$000 réis; e um na província de Alagoas, cuja renda, segundo o relatório do Ministério do Império de 1861, era ignorada.

Ordem de S. Francisco. Com oito conventos, sendo cinco na província de Pernambuco, uma na província da Paraíba e dois na de Alagoas, sujeitos ao provincial da Bahia. Segundo o relatório do Ministério de 1861, os religiosos viviam da caridade pública.

Ordem dos Missionários Capuchinhos. Com um hospício. Segundo o mesmo relatório do Ministério do Império, viviam da caridade pública e de uma diária do Tesouro Nacional.

Não eram muitos os religiosos em Pernambuco nessa época.

Afirma Cândido Mendes:

“O pessoal destas Ordens é atualmente incerto, mas em 1857 segundo o Relatório do Ministério da Justiça não passava de 73 religiosos ordenados e leigos” (7).

4. Diocese do Maranhão

A diocese de São Luís do Maranhão foi erigida em 1677, um ano depois da criação das dioceses do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Foram as três únicas dioceses erigidas no século XVII.

A diocese do Maranhão contava com as seguintes Ordens religiosas:

Ordem de N. S. do Carmo. Com dois conventos, sendo um na capital da província e outro na cidade

de Alcântara. Segundo os relatórios do Ministério da Justiça de 1857, e do Império de 1861 a renda desses conventos, embora incerta, não deixava de ser importante.

Ordem de N. S. das Mercês. Com dois conventos, sendo um na capital da província e outro na cidade de Alcântara, cuja renda anual, segundo os relatórios do governo acima indicados, avaliava-se em 2:200\$000 réis.

Ordem de São Francisco. Com um convento. Viviam da caridade pública.

Missionários Capuchinhos. Tinham um hospício na capital da província, fundado em 1854. Viviam de uma diária do Tesouro Geral e da caridade pública.

Comissão da Terra Santa. Com um hospício, em uma fazenda na paróquia de São Matias, da cidade de Alcântara, conforme os mesmos relatórios do Governo já indicados.

Segundo Cândido Mendes, “o pessoal destas Ordens é incerto, e tem diminuído depois de 1857, em que se fez um arrolamento. Então não excedia de 21 indivíduos” (8).

5. Diocese do Pará

Durante o século XVI, o Brasil teve apenas a diocese da Bahia. No século XVII foram erigidas mais três dioceses, Rio de Janeiro, Pernambuco e Maranhão. Outras três foram erigidas no século XVIII, das quais a mais antiga é a do Pará, criada em 1719.

Em meados do século passado, a diocese do Grão Pará, com sede em Belém, contava apenas com duas ordens regulares do sexo masculino: a de N. S. do Carmo e a de São Francisco.

Ordem de N. S. do Carmo. Segundo o relatório do Ministério da Justiça de 1857 possuía um convento cuja renda, em vista do patrimônio, devia ser importante, mas não se conhecia com exatidão. O provincial da Ordem residia na Corte.

Ordem de São Francisco. Possuía um convento subordinado ao provincial da Bahia, vivendo os religiosos da caridade pública e de uma subvenção do tesouro de 720\$000 réis, conforme o relatório do Ministério da Justiça de 1857.

Os religiosos eram poucos.

“O pessoal de ambos os conventos era mui diminuto, em 1857, não excedendo de 14 indivíduos. Hoje deve estar mais reduzido por falta de noviços, em consequência da proibição do governo” (9).

6. Diocese de São Paulo

A diocese de São Paulo foi criada no século XVIII, e especificamente em 1745.

Nos inícios da década de 1860-70 a diocese contava com as seguintes Ordens religiosas:

Ordem de São Bento. Com cinco mosteiros. A renda destes mosteiros era incerta, e não constituía patrimônio importante. Os mosteiros estavam situados nas cidades de São

Paulo, Santos e Sorocaba, e nas vilas de Jundiá e de Parnaíba. Estes dados são do relatório do Ministério da Justiça de 1857 e do Ministério do Império de 1862.

Ordem de N. S. do Carmo. Com quatro conventos, sendo um na cidade de São Paulo, um em Santos, um em Itu e um em Mogi das Cruzes. Segundo os relatórios acima referidos a renda era incerta, mas não era de grande valor o patrimônio.

Ordem de S. Francisco. Com quatro conventos, situados nas cidades de Santos, Itu, Taubaté e São Sebastião. Os religiosos viviam da caridade pública, segundo os relatórios já citados.

Comissão da Terra Santa. A Comissão da Terra Santa tinha na província de São Paulo um vice-comissário, mas não contava com hospício algum.

Cândido Mendes não faz referência alguma ao número de religiosos existentes na província de São Paulo (10).

7. Diocese de Mariana

A diocese de Mariana foi criada juntamente com a de São Paulo em 1745. Em vista das restrições do governo quanto ao ingresso de religiosos nas Minas Gerais durante a época da descoberta do ouro, poucos eram os institutos religiosos existentes na época imperial. A diocese contava apenas com a Comissão Geral da Terra Santa e com a Congregação da Missão.

Comissão da Terra Santa. Com três hospícios, nas cidades de Ouro

Preto, São João del Rei e Sabará, onde residiam os respectivos vice-comissários, segundo os relatórios do Ministério da Justiça de 1857 e do Império de 1861.

Congregação da Missão. Com uma residência no seminário da Serra do Caraça. Segundo o Ministério da Justiça de 1857 tinha por patrimônio o estabelecimento do Caraça e uma fazenda de criar no termo da Vila de Uberaba.

Comenta Cândido Mendes:

“O pessoal destes religiosos não excedia em 1857 de 21 indivíduos, pela mor parte dedicados à educação da mocidade. Como não se recrutam aqui, por não haver permissão para entrada de noviços, o seu número deve ter-se, se não aumentado, conservado” (11).

8. Diocese de Goiás

O Brasil chegara ao início da época imperial, com a proclamação da independência em 1822, com apenas sete dioceses. Durante a época imperial foram erigidas mais cinco dioceses. A diocese de Goiás foi criada durante o primeiro reinado, em 1827.

Escrevendo pouco depois de 1860, Cândido Mendes assinala a ausência de religiosos em Goiás.

Escreve ele:

“Nesta diocese não existe convento algum de Ordem religiosa de qualquer sexo. Apenas há a fazenda de Campo Belo no município de Uberaba, pertencente à Congregação da Missão, que serve de hospício” (12).

Apenas na última década imperial lá se estabelecem os padres dominicanos, a convite do bispo D. Cláudio J. G. Ponce de Leão, com a fundação dos seguintes conventos: Uberaba, 1881; Goiás, 1883; Porto Nacional, 1886 (13).

Convém assinalar que também haviam passado por lá anteriormente frades capuchinhos, em atividade missionária.

9. Diocese de Cuiabá

A diocese foi criada em 1827, juntamente com a diocese de Goiás. Afirma Cândido Mendes:

“Como na diocese de Goiás, não há nesta diocese Ordem alguma regular de qualquer sexo” (14).

Nessa diocese os religiosos entraram apenas na última década do século XIX. Foram os salesianos, que lá se instalaram a partir de 1894, atendendo às instâncias do bispo D. Carlos D'Amour (15).

10. Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul

A diocese do Rio Grande do Sul foi criada no segundo reinado, em 1848. Cândido Mendes assim descreve a situação dos religiosos:

“Existem somente alguns padres da Companhia de Jesus outrora ocupados em missionar indígenas, e hoje em paróquias colonos de origem alemã” (16).

Em fins da época imperial lá se estabeleceram também os missionários do Apostolado Católico ou pa-

lotinos, estabelecendo-se em 1886 no Vale Veneto, para onde tinham sido solicitados pelos próprios colonos.

11. Diocese de Diamantina

A diocese de Diamantina foi criada apenas em 1854, sendo a segunda da província de Minas. A primeira é a de Mariana. Escrevendo poucos anos após a criação da diocese, Cândido Mendes afirmava a respeito dos religiosos:

“Existe tão somente na cidade de Diamantina um Hospício da Comissão dos Santos Lugares, com um vice-comissário, sujeito ao comissário geral da Corte” (17).

O primeiro bispo da diocese, D. João Antônio dos Santos, só foi eleito em 12 de março de 1863. Este bispo solicitou a vinda dos Padres da Missão para assumirem a direção do seminário diocesano (18).

12. Diocese do Ceará

A diocese do Ceará, com sede em Fortaleza, foi erigida no mesmo ano que a diocese de Diamantina. Foram as duas últimas dioceses criadas na época imperial. Nenhuma ordem religiosa ainda havia lá se instalado, quando Cândido Mendes redigiu sua obra. Por isso ele afirmava:

“Ordens religiosas. Nenhuma existe nesta diocese de qualquer dos sexos” (19).

O primeiro bispo diocesano chegou à sede em setembro de 1861. Em outubro de 1864 D. Luís Antônio dos Santos, prelado diocesano, fundou o seminário episcopal, e um mês depois chegaram à diocese os padres lazaristas, por ele convidados para assumir a direção do seminário.

II — APRECIÇÃO DA VIDA RELIGIOSA DURANTE A ÉPOCA IMPERIAL

A partir dos dados estatísticos reunidos por Cândido Mendes, podem ser feitas diversas observações sobre a situação da vida religiosa no Brasil durante a época imperial. Eis algumas considerações principais:

1. Elenco das Ordens religiosas existentes no Brasil

O primeiro aspecto a ser levado em consideração é o número extremamente limitado de institutos religiosos existentes no Brasil por volta de 1860.

São oito as Ordens religiosas elencadas por Cândido Mendes e presentes no Brasil nessa época: a Ordem de São Bento, a Ordem do Carmo, a Ordem de São Francisco, a Ordem dos Capuchinhos, o Commissariado da Terra Santa, a Ordem das Mercês, a Congregação da Missão e a Companhia de Jesus.

Na realidade, esses oito institutos podem ser reduzidos a seis, se tomamos em consideração que o Commissariado da Terra Santa constituirá um ramo da Ordem de São Francisco, e se recordarmos que a

Ordem das Mercês já estava em extinção, sobrevivendo apenas na diocese do Maranhão (20).

2. Amplitude de atuação das Ordens Religiosas

Na análise da amplitude de atuação dessas Ordens religiosas dentro do âmbito das doze dioceses do Brasil, pode-se estabelecer o seguinte quadro:

Ordem do Carmo e Ordem de São Francisco. Presentes em seis dioceses do Brasil (Bahia, Rio, Pernambuco, Maranhão, Pará e São Paulo).

Comissariado da Terra Santa. Presente em seis dioceses (Bahia, Maranhão, São Paulo, Mariana e Diamantina).

Ordem dos Capuchinhos. Segundo Cândido Mendes estavam presentes em quatro dioceses (Bahia, Rio, Pernambuco, Maranhão). Convém lembrar ainda que os Capuchinhos da Saboia, França, haviam assumido a direção do seminário de São Paulo durante o governo episcopal de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861) (21).

Ordem de São Bento. Presente em quatro dioceses (Bahia, Rio, Pernambuco e São Paulo).

Congregação da Missão. Presente em quatro dioceses (Bahia, Pernambuco, Rio, Mariana). Ainda na época imperial os lazaristas passaram a atuar em Diamantina e Ceará.

Companhia de Jesus. Cândido Mendes assinala a presença da Com-

panhia apenas no Rio Grande do Sul. Em seguida passaram a atuar nas dioceses de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Pernambuco; desta última diocese foram de novo expulsos durante a época da questão religiosa (22).

Ordem das Mercês. Presente apenas na diocese de Maranhão.

Convém ressaltar que a maior parte desses institutos religiosos se concentram nas quatro dioceses fundadas nos séculos XVI e XVII a saber: Bahia, Rio, Pernambuco e Maranhão. Menos numerosos aparecem os religiosos nas três dioceses fundadas no século XVIII, ou seja, Pará, São Paulo e Mariana.

Não se deve esquecer que o governo colonial fez sérias restrições ao ingresso de religiosos em Minas Gerais.

As dioceses mais carentes de religiosos são as cinco dioceses criadas durante a época imperial: Goiás, Cuiabá, Ceará, Diamantina e Porto Alegre. Nessa época havia a proibição de recepção de noviços nas ordens religiosas, conforme o aviso do ministério Nabuco de Araújo, de 1855.

Em Goiás, Cuiabá e Ceará não havia religiosos por volta de 1860, com exceção de missionários capuchinhos itinerantes. Em Diamantina havia apenas um hospício da Terra Santa e no Rio Grande do Sul as residências dos primeiros jesuítas que reentravam no país após a expulsão de 1859.

Essa escassez de religiosos nessas dioceses se explica por duas razões

básicas: pela crise da vida religiosa, que já vinha desde o período colonial, e por serem dioceses em áreas menos populosas e mais afastadas dos centros urbanos, com pouco estímulo à presença de religiosos.

3. Número de conventos e casas religiosas existentes no Brasil

Em meados do século passado, o número de conventos existentes no Brasil era o seguinte:

— Na diocese da Bahia: 18 conventos.

— Na diocese do Rio: 22 conventos.

— Na diocese de Pernambuco: 20 conventos.

— Na diocese do Maranhão: 7 conventos.

— Na diocese do Pará: 2 conventos.

— Na diocese de São Paulo: 13 conventos.

— Na diocese de Mariana: 4 conventos.

— Na diocese de Diamantina: 1 convento.

— Na diocese de Porto Alegre: 1 convento.

Por conseguinte, um total de 86 conventos ou residências de comunidades religiosas.

Também aqui os números são bastante significativos: dos 86 conventos ou casas religiosas, 67 estavam concentrados nas quatro primeiras dioceses fundadas no Brasil. As outras dioceses, exceção feita de São Paulo, possuem um número restrito de conventos. E três delas, Goiás, Cuiabá e Ceará não pos-

suiam a residência de nenhuma comunidade religiosa até 1860.

4. Número de religiosos existentes no Brasil

Segundo os dados coligidos por Cândido Mendes dos relatórios ministeriais pode-se estabelecer que por volta de 1860 o número de religiosos existentes no Brasil era o seguinte:

— Diocese da Bahia: 161 religiosos.

— Diocese do Rio de Janeiro: 78 religiosos.

— Diocese de Pernambuco: 73 religiosos.

— Diocese do Maranhão: 21 religiosos.

— Diocese do Pará: 14 religiosos.

— Diocese de Mariana: 21 religiosos.

— Diocese de Diamantina: 1 religioso.

Segundo os dados oferecidos por Cândido Mendes, para sete dioceses, o número global de religiosos seria de 369 religiosos. Não havendo religiosos nas dioceses de Goiás, Cuiabá e Ceará, faltaria apenas nesse cômputo os religiosos da diocese de São Paulo e alguns jesuítas que estavam no Rio Grande do Sul. Provavelmente os jesuítas ainda não excediam a 10, e o número de religiosos existentes em São Paulo pode ser avaliado ao redor de 40, tendo em vista certa proporção com o número de conventos.

Em 1860 portanto, o Brasil estaria com pouco mais de 400 religiosos. Este número deve ter sido

mantido praticamente até o fim da época imperial; enquanto baixavam o número dos religiosos das antigas Ordens, havia um ingresso progressivo, embora lento, de religiosos pertencentes aos novos institutos que se instalavam no Brasil.

Aqui também convém assinalar que desses 400 religiosos, mais de 300 estavam concentrados nas dioceses da Bahia, Rio e Pernambuco.

5. Número de conventos conforme os institutos religiosos

O número de conventos de cada um dos institutos religiosos existentes no Brasil por volta de 1860 é o seguinte:

— Ordem de São Francisco: 29 conventos.

— Ordem de N. S. do Carmo: 19 conventos.

— Ordem de São Bento: 15 conventos.

— Comissariado da Terra Santa: 10 conventos.

— Ordem dos Capuchinhos: 5 conventos.

— Congregação da Missão: 5 conventos.

— Ordem das Mercês: 2 conventos.

— Companhia de Jesus: 1 convento.

Até 1860, portanto, o maior número de conventos e casas religiosas pertencia às grandes Ordens do período colonial: beneditinos, carmelitas e franciscanos. Os Padres da Missão estavam começando o seu período de expansão, e os jesuítas

de novo ingressando no país. Quanto aos mercedários, extinguíram-se ao fim do império.

6. As antigas Ordens religiosas do Brasil

Durante o período colonial, o Brasil contava apenas com a presença de dez institutos religiosos. Cinco deles tiveram grande importância na vida colonial: os padres da Companhia de Jesus, os franciscanos, os carmelitas, os beneditinos e os capuchinhos.

Além desses, o Brasil contou ainda com a presença dos seguintes institutos religiosos: padres das Mercês, padres agostinianos, carmelitas descalços, padres do Oratório e hospitalários de São João de Deus.

A partir da segunda metade do século XVIII começaram as restrições às antigas ordens religiosas. Os jesuítas foram expulsos em 1759; os Padres das Mercês foram extintos na diocese do Pará em 1794; a Ordem dos Padres Agostinianos foi extinta em 1824; a Congregação do Oratório foi supressa em 1830, e a Ordem dos Carmelitas Descalços foi supressa em 1840. Quanto aos Hospitalários de São João de Deus, tiveram vida efêmera no séc. XVIII.

Deste modo, durante o Segundo Reinado, dos dez institutos religiosos apenas quatro conservavam ainda um número considerável de conventos: os franciscanos, os carmelitas, os beneditinos e os capuchinhos. Quanto aos jesuítas, estavam apenas ingressando de novo no Brasil (23).

7. Os novos institutos religiosos no Brasil

O único instituto religioso verdadeiramente atuante no Brasil em toda a época imperial é a congregação dos Padres da Missão ou lazarietas. Aos Padres da Missão coube o papel mais significativo de colaborar com o episcopado na implantação do movimento de reforma católica do Brasil.

Apenas na última década do período imperial, outros institutos marcarão sua presença no Brasil. Os Dominicanos se estabelecem no Brasil em 1882; os Salesianos em 1883; os Padres Palotinos em 1884 e os Padres da Congregação do Espírito Santo em 1885.

CONCLUSÃO

Ao término deste estudo, alguns aspectos merecem destaque especial. Como observação geral pode-se afirmar que a situação dos institutos religiosos no Brasil, em meados do século passado, durante a época imperial, era bastante precária.

Continuaram a sobreviver algumas das principais ordens religiosas do período colonial, como a dos franciscanos, dos carmelitas e dos beneditinos, mas sem poderem aumentar o número de religiosos por causa das restrições de diversos decretos do governo, reforçados pelo aviso de Nabuco de Araújo, de 1855, proibindo o ingresso de noviços nas ordens religiosas até que o governo estabelecesse uma concordata com a Santa Sé, que nunca chegou a ser efetivada.

Convém recordar aliás, que todas as antigas ordens religiosas estavam em geral em crise, quando não em verdadeira decadência religiosa durante a época imperial. Os relatórios do governo dão relevo às rendas de diversos conventos, algumas bastante avultadas. Essa segurança econômica e bem-estar material nem sempre servia de estímulo ao ardor apostólico dos monges e frades.

A crise da vida claustral assume diversos aspectos, entre os quais a procura de bem-estar e comodismo por parte dos religiosos, chegando até ao luxo e ostentação nos conventos, o relaxamento da disciplina eclesiástica, o mundanismo, a falta de vida comum, os privilégios e exceções à observância regular.

Desde muito se falava na necessidade de reforma dessas ordens religiosas, sem que nada fosse efetuado de concreto nesse sentido. A precariedade da vida monástica era ainda maior se tomarmos em conta que o governo imperial não hesitaria em suprimir uma série de conventos religiosos, através dos quais provocou a extinção da Ordem Carmelita Descalça no Brasil, da Ordem dos Padres de Santo Agostinho e dos Padres do Oratório.

Ao mesmo tempo perduravam restrições severas quanto ao ingresso de novos institutos religiosos no Brasil. Somente na última década imperial houve um relativo afrouxamento nesse sentido.

A única força de renovação verdadeiramente atuante durante a época imperial foram os Padres Lazarietas da Congregação da Missão.

Coube a esse instituto religioso um papel primordial na reforma da Igreja do Brasil, assumindo a direção da direção de diversos seminários. Além disso, esses religiosos se destacaram também na área educacional, especialmente com o colégio do Caraça, e na pregação de missões entre o povo.

Outra força de renovação emergente são os Padres da Companhia de Jesus, que, apesar de não haver sido revogada a lei de expulsão, penetraram no país pela província do Rio Grande do Sul a partir do Segundo Reinado. Nas décadas seguintes os jesuítas foram se espalhando por outras dioceses. Tornaram-se também ativos colaboradores do movimento de reforma católica, quer com a pregação das missões quer reencetando seu trabalho na área educacional. A eles se deve a divulgação da devoção ao Coração de Jesus através do Apostolado da Oração.

Também merecem ser lembrados os Padres Capuchinhos, que, enviados diretamente pela Sagrada Congregação da Propaganda da Fé, durante a época imperial colaboram diretamente com o governo na ca-

tequese dos indígenas. Destaque especial merecem os capuchinhos franceses que assumiram a direção do seminário de São Paulo, colaborando diretamente com o bispo reformador D. Antônio Joaquim de Melo.

Somente na última década da era imperial puderam ingressar no Brasil quatro novos institutos religiosos masculinos: os Padres Dominicanos, que desde 1882 se estabeleceram na diocese de Goiás, que abrangia então o Triângulo Mineiro; os Padres Salesianos, que desde 1883 se estabeleceram na diocese do Rio de Janeiro, passando em seguida para São Paulo; os Padres Palotinos, que se fixaram no sul do país, atendendo aos imigrantes italianos, e por fim os Padres do Espírito Santo que iniciaram nessa época as missões no Amazonas.

Com o início da República e o decreto de separação entre Igreja e Estado em 1890 cessaram as restrições do governo quanto ao ingresso de novos institutos. Inúmeras congregações religiosas se estabeleceram a partir de então no Brasil, permitindo um verdadeiro reflorescimento da vida religiosa.

NOTAS

(1) AZZI, RIOLANDO, *Evangelização e presença junto ao povo. Aspectos da História do Brasil*, em *Religião e Catolicismo do Povo*, São Paulo. Ave Maria, 1977, p. 39 ss. (2) AZZI, RIOLANDO, *Antigas Ordens Religiosas do Brasil extintas no período colonial e imperial*, *CONVERGÊNCIA*, 1977, páginas 110-

123. (3) AZZI, RIOLANDO, *Os religiosos e o movimento de reforma católica no século XIX*, *CONVERGÊNCIA*, 1975, junho, páginas 310-317. (4) AZZI, RIOLANDO, *A vinda dos Redentoristas para o Brasil na última década do século passado*, *CONVERGÊNCIA*, 1977, julho/agosto, 367-382., AZZI, RIOLANDO, *A vinda dos Padres Claretianos ao Brasil*, *CONVERGÊNCIA*, 1978, abril,

páginas 172-192. (5) ALMEIDA, CÂNDIDO MENDES, **Direito Civil Eclesiástico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1866, tomo I, 2ª parte, página 544. (6) Idem, ver nota 5, página 565. (7) Idem, ver nota 5, página 584-585. (8) Idem, ver nota 5, página 613. (9) Idem, ver nota 5, página 629. (10) Idem, ver nota 5, páginas 666-667. (11) Idem, ver nota 5 páginas 687-688. (12) Idem, ver nota 5, página 747. (13) AZZI, RIOLANDO, **A vinda dos dominicanos ao Brasil durante a época Imperial**, CONVERGÊNCIA, 1977, dezembro, páginas 620-637. (14) Idem, ver nota 5, página 763. (15) MARCIGAGLIA, LUÍS, **Os Salesianos no Brasil**, São Paulo, 1955, páginas 52-56. (16) Idem, ver nota 5, página 788. (17) Idem, ver nota 5, página 825. (18)

AZZI, RIOLANDO, **Padres da Missão e Movimento Brasileiro de reforma católica no século XIX**, CONVERGÊNCIA, 1974, dezembro, 1237-1256. (19) Idem, ver nota 5, páginas 825. (20) AZZI, RIOLANDO, **A Ordem das Marcês no Brasil: Instalação, expansão e extinção**, CONVERGÊNCIA, 1976, novembro, páginas 558-575. (21) AZZI, RIOLANDO, **Os capuchinhos e o movimento brasileiro de reforma católica no século XIX**, REB, 1975, março, páginas 123-139. (22) AZZI, RIOLANDO, **Os Jesuítas e a Questão Religiosa na época colonial**, CONVERGÊNCIA, 1978. (23) AZZI, RIOLANDO, **Os Jesuítas e o movimento brasileiro de reforma católica no século XIX**, CONVERGÊNCIA, 1976, outubro, páginas 491-505.

Qual é o melhor serviço que os Religiosos podem prestar à humanidade?

É uma pergunta de muitos. Convido a Você para ler uma ampla resposta no artigo do Pe. Pedro Arrupe, Superior Geral da Companhia de Jesus, à página 410, desta CONVERGÊNCIA. Uma síntese de resposta seria esta: o melhor serviço que os religiosos podem prestar à humanidade é dar um irrefutável testemunho de anti-consumismo, com uma vida austera e frugal, oferecendo ao mundo em sua própria vida, esta interpretação do evangelho, autêntica e libertadora. O mundo suspira por este testemunho.

Qual o melhor serviço que os Religiosos podem prestar à humanidade?

Outra resposta muito humana e pouco presente no dia a dia: O melhor serviço que os religiosos podem prestar à humanidade é a **solidariedade entre si e com os homens**. É o principal testemunho que os homens esperam de nós. Em meio a tanta divisão e guerra, a tantos conflitos de idéias e pessoas, a **solidariedade** é a única massa apta e amalgamar os homens nos momentos decisivos, que os torna capazes de superar as barreiras que os dividem. No massacre do anonimato da sociedade atual, o grande anseio do homem é **encontrar alguém** no outro.

LIVROS NOVOS

A EXPERIÊNCIA DO EVANGELHO, Henri Holstein. Tradução do original francês **L'expérience de l'Évangile**, de Benoni Lemos. Edições Paulinas, São Paulo. Ano 1977. Páginas 160.

No cristianismo, todo movimento de renovação e de autenticidade procura volta à Igreja das origens, não para negar séculos de história ou para se deslocar do presente, mas para se renovar em uma fonte: a fé e a vida em estado nascente. HENRI HOLSTEIN faz reviver este tempo do nascimento: o fervor contagioso da jovem comunidade perseguida, a incrível difusão do Evangelho de Jesus, o aparecimento das Igrejas, a repercussão da fé no Cristo ressuscitado, o desenvolvimento da oração e da caridade.

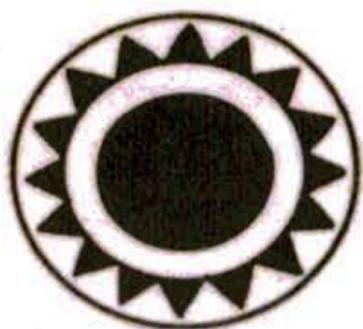
Dominando perfeitamente os problemas críticos e científicos, ele esclarece o leitor, sem sobrecarregá-lo. Para isso acompanha o tríplice dinamismo desse desenvolvimento cristão, que vai de Pentecostes às comoventes cartas de Inácio de Antioquia. Dinamismo geográfico e é a missão. Dinamismo documentário e é a formação do Novo Testamento. Dinamismo eclesial e é o aparecimento dos ministérios e a ativação da vida de oração. A Igreja não veio substituir o Evangelho. Ela quer ser o seu testemunho vivo no meio dos acontecimentos e da diversidade do mundo.

Estas páginas não pretendem fixar o leitor no saudosismo do passado, nem restaurar as origens para justificar instituições e idéias que se explicam por outros motivos. Elas "desejam" mostrar a possibilidade de viver hoje a Igreja como um novo episódio dos Atos dos Apóstolos.

A CONVERSÃO AO EVANGELHO, Jean Claude Dhôtel. Tradução do original francês **La Conversion à l'Évangile**, de Euclides Carneiro da Silva. Edições Paulinas, São Paulo. Ano 1977. Páginas 160.

Que acontece quando um homem se converte? O que encontra ele que transforma de tal modo a sua vida? Qual é o mistério deste encontro de Deus e do homem? Toda a originalidade da fé cristã se prende a estas questões que pautam o livro de JEAN CLAUDE DHÔTEL. Em épocas características de mutação cultural, Agostinho, Inácio de Loiola, Charles de Foucauld, André Frossard, Karl Stern... procuraram transmitir o que lhes aconteceu no instante excepcional da iluminação repentina que transformou a vida de cada um.

Seu testemunho mostra a complexidade e o realismo desta experiência. Para a interpretar em profundidade, é importante reler a Bíblia, em função



OPÇÃO NÍTIDA É FIRME

A noite em que assinei o documento... sentia que podia ter assinado também minha própria pena de morte. Em todo caso acabava de assinar um desafio. Poucos dias depois, começou a chegar a advertência de um dos maiores latifundiários e garimpeiros do Brasil... Não devia meter-me nestes assuntos porque poderiam acusar-me de subversivo. Já havíamos cortado relações com as fazendas. Não podíamos celebrar a Eucaristia à sombra dos senhores, viajando em seus carros e aviões, comendo e bebendo uísque em sua mesa, sendo “assistidos” nas celebrações pelos que escravizavam sistematicamente os irmãos menores. Essa já não seria mais a Ceia do Senhor. Deixávamos de ser amigos dos grandes e os enfrentávamos. Em contrapartida íamos ganhando a confiança e o amor dos pobres e dos oprimidos. Foi hora de opção. Dilacerada opção que violentava o próprio temperamento, a vontade natural de estar bem com todos, a formação de mansidão evangélica recebida. Ruptura que continua deixando em tensa cruz a vida da gente.

EU CREIO NA JUSTIÇA E NA ESPERANÇA
Dom Pedro Casaldáliga, CMF
Prelazia de São Félix do Araguaia, MT